

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação

MÍDIA E IMAGEM CORPORAL:
DISCURSO TELEJORNALÍSTICO E IDEAL
CONTEMPORÂNEO DE BELEZA FEMININA

Camila B. Medina

Rio de Janeiro
2005

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação

**MÍDIA E IMAGEM CORPORAL:
DISCURSO TELEJORNALÍSTICO E IDEAL
CONTEMPORÂNEO DE BELEZA FEMININA**

Camila B. Medina

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em
Comunicação Social –
habilitação em jornalismo – da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial
para a obtenção do bacharelado
em Comunicação Social.

Orientador:
Prof. Paulo Roberto Gibaldi Vaz

Rio de Janeiro
2005

MÍDIA E IMAGEM CORPORAL:

Discurso telejornalístico e ideal contemporâneo de beleza feminina.

Camila B. Medina

Projeto Experimental apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, submetida à aprovação pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Paulo Roberto Gibaldi Vaz
Orientador

Prof^ª. Maria Helena Junqueira

Prof^ª. Fernanda Bruno

Rio de Janeiro
2005

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e à minha irmã, pelo apoio, amor, cuidado, interesse e participação. E por seus ombros amigos, sempre presentes mesmo quando distantes.

Ao meu irmão, simplesmente por existir, e por me ensinar a amar a cada dia e a como agir diante das diferenças.

Ao Thiago, pela escuta paciente e pelas leituras, sugestões e opiniões que tanto me enriqueceram.

Ao professor Paulo Vaz, pela disponibilidade e orientação e, principalmente, por sua confiança e palavras de incentivo.

Aos professores da Escola de Comunicação da UFRJ, por seus ensinamentos e por pretenderem, durante todo o curso, fazer nascer em nós um interesse muito maior do que simplesmente exercer a profissão.

Aos autores citados neste trabalho que, mesmo sem saber, forneceram as bases para os questionamentos levantados.

E, finalmente, a Deus, pois foi a crença nele que despertou em mim os valores do amor e da ética, os quais, de certa forma, motivam minhas reflexões e estudos.

MEDINA, Camila B.

Mídia e imagem corporal: discurso telejornalístico e ideal contemporâneo de beleza feminina / Camila B. Medina. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2005.

Vii; 51p.

Projeto Experimental – Universidade Federal do Rio de Janeiro, ECO, 2004.

Orientador: Paulo Roberto Gibaldi Vaz.

1. Corpo 2. Beleza 3. Discurso telejornalístico 4. Mídia e imagem corporal

I. Vaz, Paulo; II. Título

RESUMO

MEDINA, Camila B. **Mídia e imagem corporal: discurso telejornalístico e ideal contemporâneo de beleza feminina.** Orientador: Paulo Roberto Gibaldi Vaz. Projeto Experimental (Bacharelado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. 51p.

Esse trabalho procura compreender qual o papel dos meios de comunicação, em especial o da televisão, na construção de subjetividades e de que modo contribuem para a disseminação de um ideal de beleza. Para isso, busca-se relacionar o discurso telejornalístico (que é o tomado por verdadeiro atualmente, e muitas vezes considerado porta-voz do discurso científico) da maior emissora do país às características da contemporaneidade, analisando as relações de causa e efeito entre tal discurso e a sociedade, e procurando entender de que forma a mídia influencia nas novas concepções e transformações do corpo. O trabalho visa mostrar, também, que a beleza é um conceito relativo, construído através da cultura e das experiências de um indivíduo. Para exemplificar tal idéia, faz-se necessário um estudo histórico sobre os conceitos de beleza e de corpo na sociedade ocidental, percebendo de que modo eles foram e são assimilados, e como se configuram por negociações culturais e em formas de poder.

Palavras-chave: Mídia e imagem corporal, corpo, beleza, discurso telejornalístico.

SUMÁRIO

Introdução	1
1 • A Beleza	6
O objeto belo	7
Beleza e subjetividade	9
Relatividade da beleza	11
No Brasil	15
Afinal, quem determina o que é belo?	20
Beleza e mídia	22
2 • O Corpo	26
O corpo como instrumento	28
O corpo feminino	31
Corpo e mídia	35
a) O corpo inatingível	36
b) O corpo-modelo	37
c) O corpo necessário	38
3 • Corpo e Beleza hoje no discurso telejornalístico	39
Estudo de caso: “Questão de peso”	42
Conclusão	47
Referências	50

INTRODUÇÃO

Ao buscar um tema que eu pudesse apresentar em minha monografia de final de curso, recorri não só aos meus interesses pessoais, mas também a assuntos que estavam sendo problematizados na época. Muitas questões interessantes foram então levantadas, algumas tendo a ver com o tema a seguir proposto e outras não. Naquela ocasião, meu interesse pessoal estava voltado ao estudo das subjetividades, ou mais especificamente, sobre como a comunicação influenciava na construção do sujeito e de sua interação na coletividade. Além disso, cursava na universidade uma disciplina do professor Paulo Vaz – agora meu orientador – que propunha a análise da sociedade contemporânea como uma sociedade do risco, e me interessei pelos aspectos levantados, principalmente no que diziam respeito às novas formas de subjetividade¹, ligadas aos novos modos de se conceber o corpo, a sexualidade, as instituições, as tradições, etc.

Num primeiro momento, procurava entender porque atualmente assistimos a uma emergência de novas patologias ou novos sintomas, considerados fundamentalmente contemporâneos. Tais “doenças”, como os distúrbios alimentares, as adições, o pânico, a compulsão e os sintomas ligados aos transtornos da imagem corporal e às fobias sociais, pareciam, na medida em que eu ia estudando o assunto e participando de seminários e palestras, estar ligados aos valores criados por essa sociedade do risco – ou do controle – e pelas novas tecnologias de comunicação (o que é, de certa forma, o que a constitui e a define). A partir daí, fui observando o papel do discurso² existente nos meios de comunicação de massa, e como ele se configurava, ao

¹ Por novas subjetividades, ou processo de subjetivação, entendo o conceito de Janine Puget (2004) que afirma: “Proponho então que cada situação, seja esta social, familiar, de casal ou singular, cria novas subjetividades, maneiras de interagir, significantes próprios. E que isso está em relação direta com as permanentes mudanças que se dão no contexto político, local e internacional, no contexto econômico, no contexto cultural e filosófico, junto com a influência e exigências que provêm das sempre cambiantes inovações tecnológicas.” (PUGET, 2004, p.3)

Tradução minha para: “Propongo entonces que cada situación sea ésta social, familiar, de pareja, o singular crea nuevas subjetividades, maneras de interactuar, significantes propios. Y que ello está en directa relación con los permanentes cambios que se van dando desde el contexto político local y internacional, desde el contexto económico, desde el contexto cultural y filosófico junto con la influencia y exigencias que provienen de los siempre cambiantes adelantos tecnológicos”.

² Utilizo o termo “discurso” tal como foi conceituado por Michel Foucault (1971) e é usado hoje em dia no meio acadêmico. Segundo Foucault, “chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência”. (FOUCAULT, 1971, p.15) Assim, o discurso passa a integrar os procedimentos de controle e a se apropriar deles, tornando-se instrumento de formação e poder.

mesmo tempo, em produtor e em espelho dessas transformações, refletindo-as e disseminando-as. Comparando com outros períodos históricos, pude perceber que nem sempre o que era propagado pela mídia (ou por outros meios) como sendo bom e belo é o que vemos hoje e, por isso, a ocorrência de mudanças tão significativas.

Com isso, pensei em fazer um estudo histórico, que pudesse deixar claras as diferenças em relação às concepções de beleza e de corpo, demonstrando assim que tais conceitos eram e continuam sendo construídos culturalmente. Como caso específico, iria analisar o discurso e as imagens da revista feminina (e hoje também voltada para adolescentes) *Capricho*, desde o seu surgimento na década de 50 até os dias atuais. Tal análise serviria para perceber como os padrões de beleza feminina foram se modificando ao longo do tempo no Brasil e a relação dessas modificações com o desenvolvimento das técnicas comunicacionais, tais como a televisão e a internet. Entretanto, este estudo de caso se tornou impossível de ser realizado, uma vez que o único acervo completo dessa publicação, presente na Biblioteca Nacional, não estava disponível.

Mantendo a idéia do estudo histórico, decidi, então, analisar como “estudo de caso” o discurso telejornalístico, procurando entender, agora, não mais como a concepção de corpo e beleza se transformou nos últimos 50 anos, mas como se configura atualmente no meio de comunicação mais utilizado hoje em dia, por todas as classes sociais (a televisão), e através do discurso considerado mais credível (o do telejornal). Ao começar a pesquisá-lo, percebi que a abordagem dos assuntos relativos à beleza ou ao corpo era na maioria das vezes relacionada à saúde, ou seja, não se falava claramente na necessidade de se ter um corpo bonito, mas de se buscar um corpo saudável, que traria não só “beleza”, mas também minimizaria os riscos de doenças e de morte “prematura”.

Associando esses aspectos observados a estudos sobre a sociedade contemporânea, pensei em estudar, então, como os ideais de beleza feminina se propagam hoje através do discurso jornalístico e de que modo podem ser inseridos dentro do contexto do controle e do risco, considerando a mídia um fator decisivo na produção de novas concepções do corpo e de novas subjetividades. A hipótese era a de que o discurso do corpo saudável e necessário, e, portanto, a aproximação cada vez maior entre beleza e saúde, faria parte de toda uma conjuntura histórica e cultural que

passou a se apresentar depois da modernidade. As novas formas de visibilidade do sujeito, os novos modos de conceber o tempo e o espaço, as novas configurações econômicas que exaltam cada vez mais o consumo, e a evolução de técnicas médicas e comunicacionais, teriam proporcionado uma exteriorização da subjetividade e, conseqüentemente, uma maior preocupação com a longevidade e o cuidado da aparência.

Para isso, decidi utilizar, como pressupostos teóricos, estudos sobre a história da beleza e do corpo, comparando principalmente a sociedade contemporânea com a moderna, no intuito de encontrar subsídios que pudessem basear o estudo empírico. De forma a limitar esse estudo de caso, escolhi analisar apenas telejornais da Rede Globo, por ser a maior e mais vista rede de comunicação do país, através do Globo Media Center, um sistema de busca no *site* da emissora com o qual se pode assistir a programas já transmitidos pela TV. Desse modo, utilizando algumas palavras-chave relacionadas ao tema de pesquisa, consegui avaliar matérias de desde 2002 a 2005, de diversos programas de telejornalismo.

Durante essa pesquisa, encontrei uma série de reportagens do programa Fantástico (a “revista eletrônica” da Rede Globo, transmitida aos domingos), que falava exatamente sobre a questão do cuidado de si, apresentando matérias sobre os “problemas” da obesidade e supervalorizando a busca por uma “vida saudável”. A série, transmitida entre novembro e dezembro de 2004, e depois de fevereiro a maio de 2005, se chamava “Questão de Peso” e era apresentada pelo médico oncologista Dráuzio Varella, já conhecido por escrever livros e estar à frente de outros programas. Com aproximadamente 15 minutos de duração, “Questão de Peso” mostrava casos de pessoas que não conseguiam emagrecer, médicos e especialistas alertando sobre a má-alimentação ou a falta de exercícios, os problemas gerados pelo descontrole alimentar e as vantagens e desvantagens das dietas. Principalmente no discurso do médico-apresentador, encontramos muitos exemplos da atual consagração ao autocontrole (“emagrecer é um processo lento e você vai ter que tomar cuidado com o que come para sempre”) e do temor aos riscos (“existirá salvação ou estaremos condenados à

obesidade, pressão alta, diabetes, derrame cerebral, ou ao risco de um ataque cardíaco no sofá da sala?”).³

Na pesquisa teórica, utilizei estudos de autores que apresentavam históricos sobre a beleza e o corpo; de outros que ofereciam conceitos sobre a sociedade, as técnicas e as subjetividades, além de artigos diversos sobre técnicas utilizadas atualmente na transformação do corpo e sobre a importância da busca pela beleza. Para expor sobre a história da beleza, por exemplo, no intuito de entender como a concepção de belo é diferente em cada sociedade e como se configura atualmente, utilizei a história da beleza de Umberto Eco (2004) e o conceito de “democratização” proposto por Georges Vigarello (2004). Já para analisar as diferentes concepções de corpo, ou melhor, as diferentes formas de limitações impostas a ele, utilizei o conceito de sociedade disciplinar proposto por Michel Foucault (1987) e o de sociedade de controle sugerido por Gilles Deleuze (1992). Na comparação entre as sociedades moderna e contemporânea, empreguei conceitos e análises sobre a questão da visibilidade e dos valores da sociedade do risco, propostos por Fernanda Bruno (2004) e Paulo Vaz (2002). Ainda sobre os novos questionamentos surgidos na contemporaneidade, utilizei as reflexões de Jurandir Freire Costa (2004), que analisou as novas subjetividades a partir do estudo da mídia e da cultura do consumo e das sensações. Como fundamentação teórica, mesmo não citando – ou citando pouco – esses autores, aproveitei conceitos sobre a pós-modernidade sugeridos por Stuart Hall (1992) e Zygmunt Bauman (1999), assim como a idéia de mediação proposta por Jesús-Martin Barbero (1997).

Este trabalho segue um percurso simples, iniciando com os resultados da pesquisa teórica e finalizando com o estudo empírico e conclusão. O primeiro capítulo trata sobre a questão da beleza, traçando um panorama histórico de como a beleza é vista na sociedade ocidental desde a Antigüidade grega até os dias atuais. As idéias acerca da origem do belo, ou do motivo de algo ser considerado bonito, se transformaram de acordo com as mudanças sociais e com a cultura. Percebendo isso, pude dividir tais idéias em três fases distintas: a primeira, quando se achava que a beleza era algo inerente ao objeto; a segunda, quando se pensava que o belo estava nos olhos

³ A primeira citação foi dita por Dráuzio Varella no programa do dia 27 de fevereiro de 2005, cujo tema era “O perigo dos remédios para emagrecer”. A segunda frase foi dita no primeiro programa da série, que tinha o objetivo de apresentá-la, transmitido em 14 de novembro de 2004.

de quem via, ou dependia de um gosto subjetivo; e a terceira, quando se começou a considerar que achar algo bonito ou feio dependia de aspectos relativos, tais como a cultura, o ambiente social, os hábitos, a criação familiar, etc. A partir daí, tentei mostrar também como se deu a produção da “beleza brasileira”, através de transações de poder entre as diferentes etnias, e o que a ciência hoje pensa sobre o conceito de belo, parecendo voltar ao pensamento de que ele seria algo pré-determinado. Depois, de modo breve, tentei expor a relação entre beleza e mídia, buscando entender de que forma e por que motivo, esta influencia tanto nos padrões de aparência que os indivíduos tentam alcançar.

O segundo capítulo objetiva tratar a questão do corpo e sua relação com o poder e a tecnologia. Para isso, procurei comparar a visão de corpo na modernidade e na contemporaneidade, mostrando de que forma ele poderia ser utilizado como instrumento de poder e limitação, e de produção de subjetividades. Nesse momento, achei interessante abordar a problemática do corpo feminino, já que a hipótese levantada para o estudo prático era exatamente a relação entre o discurso jornalístico e o ideal de beleza da mulher. Para fechar o estudo do corpo, busquei, também de maneira breve, relacionar a mídia e suas representações de corpo, que se mostram cada vez mais ilusórias e espetacularizadas atualmente.

O desenvolvimento do tema proposto e o estudo de caso vêm logo a seguir, no terceiro capítulo. Como dito anteriormente, nele tentei mostrar, com exemplos de programas de jornalismo da Rede Globo, como se configura hoje o discurso científico e, portanto, propagado pelo telejornal, acerca da beleza e do corpo. Estudando reportagens sobre o assunto e o caso específico da série “Questão de Peso”, pude observar que a preocupação com o cuidado de si passa necessariamente pelo discurso da preocupação com a saúde, é por aí que se configura o ideal contemporâneo de beleza. É belo o corpo que é saudável, que se controla, não comete excessos e se preocupa com os riscos futuros.

Na conclusão, procuro, então, refletir sobre a pesquisa realizada e propor novos caminhos para se pensar o problema apresentado.

1

A BELEZA

Definir o que é belo, ou se algo é bonito, é tarefa extremamente difícil, talvez até impossível. Como é fácil constatar, o que alguns consideram bonito ou feio pode não ser o que outros consideram, devido a diversos aspectos. Algumas vezes até, passamos a considerar belo o que até bem pouco tempo atrás achávamos feio, seja por sugestão de outra pessoa ou porque, de repente, passamos a enxergar tal objeto com “outros olhos”. Nesses casos, tendemos a acreditar que há alguma coisa por detrás da aparência física que nos toca; algo que, na “essência” do objeto, nos atrairia ou não, e que só veríamos tal beleza se mudássemos nosso modo de ver, se nos “transformássemos” enquanto sujeitos.

Entretanto, podemos pensar de um outro modo, que a beleza não se encontra nem na aparência, nem na “essência” daquele que é observado, muito menos simplesmente nos olhos – ou no juízo de valores – de quem observa. Se acreditarmos, por exemplo, que a beleza é um conceito construído pelo meio sócio-cultural e, como tal, se modifica na medida em que a sociedade se transforma, percebemos que considerar algo bonito é muito mais complexo do que imaginamos, e entendemos porque as noções de beleza são tão variadas nas diversas sociedades.

No decorrer da história humana, muitas foram as representações do belo. Do ideal platônico até hoje, vários conceitos coexistiram em uma mesma época e muitos se repetiram, ou foram retomados, em épocas diferentes. Estudar como os padrões de beleza evoluíram historicamente é importante para que se perceba de onde vieram nossos modelos atuais e que conseqüências a crença neles pode nos trazer. A seguir, um panorama breve sobre o que seria o belo na sociedade ocidental, enfocando a história da beleza do corpo feminino, desde a Grécia Antiga aos dias de hoje, não se propondo, porém, a ser detalhado e certamente excluindo alguns períodos e conceitos. Entretanto, é uma exposição suficiente para perceber que a beleza é um padrão cultural, criado e reformulado a partir das concepções de cada época, e para refletir sobre a origem dos conceitos vigentes atualmente.

O objeto belo

Para os gregos da Antiguidade, *kalón*, palavra hoje traduzida também como “belo”, era tudo aquilo que agradava ao olhar, o que era desejável ou suscitava admiração. Conceito bem parecido com o atual, expresso no dicionário. Entretanto, essa beleza, ou a capacidade de deleitar o observador, estava impressa no objeto, ou seja, nas suas medidas, proporções, ritmo e, no caso do corpo humano, não só na aparência física como também nas qualidades da alma e do caráter.

Platão elaborou as duas concepções mais importantes de beleza, que transcorreram os séculos e que são, de certa forma, aceitas até hoje. Para ele, o belo estaria na harmonia (a partir de conceito criado por Pitágoras e elaborado por Heráclito, de que a harmonia é o equilíbrio de contrastes – simetria) e na proporção das partes, e no que ele chamou de esplendor, ou seja, a beleza não estaria vinculada a um objeto específico (que só a exprime acidentalmente), mas resplandeceria em toda parte. Dessa forma, nem todos poderiam perceber a verdadeira beleza, pois ela não corresponderia àquilo que se vê, mas somente aqueles que aprendessem, com a filosofia, a enxergar com uma visão supra-sensível. Isso explica, por exemplo, porque Platão afirmava que Sócrates era o mais belo dos homens, embora admitisse que fosse feio exteriormente⁴.

A partir dessas idéias, Policleto cria, no século IV a.C., o cânone, uma estátua na qual se encarnavam todas as regras de uma justa proporção. Sobre isso, Cláudio Galeno vai escrever no século II:

Crísipo (...) afirma que a Beleza não reside nos elementos singulares, mas na harmoniosa proporção das partes, na proporção de um dedo em relação ao outro, de todos os dedos em relação à mão, do resto da mão em relação ao pulso, deste em relação ao antebraço, do antebraço em relação a todo o braço. Enfim, de todas as partes em relação a todas as outras, conforme está escrito no Cânone de Policleto. (GALENO, séc.II apud ECO, 2004, p.75)

Já na Idade Média é difícil definir qual concepção se fazia presente durante todo o período. Isso porque, como a época durou aproximadamente dez séculos, é evidente

⁴ Platão dizia que Sócrates era feio por este não possuir as características consideradas belas num grego (harmonia, proporção, traços finos). Algumas vezes insinuou que ele se parecia com um sileno, mas, devido à beleza da sua moral, estava sempre rodeado de belos rapazes.

que houve muitas mudanças em relação aos gostos e as convicções. O que se pode afirmar é que, para que algo fosse considerado belo, precisava possuir, além de uma devida proporção, integridade, esplendor e consonância. Ou seja, a proporção estaria não só na disposição da matéria, mas também em sua adaptação à forma (o que Tomás de Aquino chamou de “adequação ao escopo”). Este princípio sugere que a beleza de um objeto só se faria se este estivesse cumprindo sua função, ou seu destino. Para Tomás, a proporção seria um valor ético, podendo-se então falar de beleza moral não só como pureza de espírito ou conhecimento do Bem, como dizia o ideal platônico, mas como uma justa proporção de palavras e atos que levariam a uma ação virtuosa.

É também na Idade Média – e ainda com Tomás de Aquino – que o conceito de beleza se funde com o de clareza e luminosidade (*claritas*), no qual a concepção de luz não se faz somente no campo filosófico (já que Deus é luz), mas também no campo social. No mundo pré-moderno, os níveis sociais eram muito bem definidos entre clero/aristocratas e camponeses/artesãos. Essa diferença era marcada, principalmente, pela manifestação de riqueza das classes mais altas, que se adornavam com jóias e roupas coloridas. As classes mais pobres tinham, por sua vez, que se contentar com a beleza da natureza, também feita por cores vivas e brilhantes, embora não pudessem se apropriar dela. Isso explica por que na época medieval os objetos eram extremamente ornamentados com pedras preciosas e os tecidos e quadros eram pintados com cores elementares, vivas e contrastantes entre si. A cor, aliás, era vista como causa de beleza, com seus simbolismos e diferentes significados, muitas vezes até opostos dependendo do contexto.

A partir da importância dos ornamentos (que desconsideram a utilidade do objeto), começa-se a pensar no corpo humano como algo dotado de partes “úteis” e outras “belas”, destinadas somente à ornamentação (adornos naturais). É o que diz Isidoro de Sevilha, por volta do século VII:

Em nosso corpo algumas coisas são feitas com fins de utilidade como as vísceras, outras tanto pela utilidade quanto pela Beleza, como a vista no rosto e os pés e as mãos, membros que são de grande utilidade e aspecto decentíssimo. Algumas são feitas apenas para o ornamento, como os mamilos nos homens e o umbigo em ambos os sexos. Algumas são feitas por discricção, como nos machos os genitais, a barba proeminente, o amplo peito, e nas fêmeas as gengivas

suaves, o peito pequeno e os rins e os quadris amplos para poder portar o feto. (SEVILHA, 560-636 apud ECO, 2004, p.111)

Assim, o corpo considerado belo é aquele de pele rosada, principalmente numa época em que se morria jovem, e os olhos belos são os luminosos, de cores claras. É importante perceber também que tal concepção era europeia e refletia não só a cultura da época, baseada em toda sua história e crenças, mas também o aspecto biológico da população daquele local, tendo em vista que o mais comum era ter essas características.

Se na Grécia a figura feminina era exaltada apenas na forma de Vênus (uma deusa, e não uma mulher real), na Idade Média a concepção de beleza da mulher não podia contrariar o moralismo medieval. Assim, o corpo feminino belo surgia da exaltação de um texto bíblico, o “Cântico dos Cânticos”, das esculturas e pinturas da Virgem e das damas inatingíveis e angelicais dos trovadores e cavaleiros. Por outro lado, fora do ambiente doutrinário, nas poéticas pastoris, a mulher era vista com mais realismo e até sensualidade.

Beleza e subjetividade

Mas é a partir do Renascimento, e dos movimentos que se seguiram a esse período, que teve início uma mudança radical no modo de conceituar a beleza. No século XVI, o homem está descobrindo novas teorias acerca do universo e, com isso, vai desbravar novos mundos, atrás do exótico ou de novas formas de comércio. As crises políticas e revoluções econômicas fazem surgir então uma nova classe social, mais preocupada com tais “avanços” do que com terras e títulos. O homem descobre que o universo não foi todo criado em medida humana e que as leis naturais não seguem harmonias clássicas, mas são muito mais complexas.

Assim, ao mesmo tempo em que são retomados os cânones clássicos, começa-se a perceber uma certa inquietude que vai desaguar num período artístico chamado Maneirismo. A beleza é então ligada à graça, nascida da proporção e da harmonia entre as coisas. Entretanto, essa harmonia não é explicável na aparência como na Grécia, mas é, sim, uma proporção de medidas ocultas. Podia, então, uma mulher ter o rosto devidamente simétrico e proporcionado mas possuir um certo “vício” que escondesse a sua beleza. Por outro lado, muitas vezes um rosto que não se harmonizava tinha um

“não sei o quê” que o tornava bonito. Começava-se a abrir os caminhos para uma interpretação subjetiva e particular do belo. Prenunciando a Idade Moderna, o Maneirismo privava o belo de critérios de medida, ordem e proporção. A beleza dependeria mais de um consenso do público ou da corte e menos de uma regra objetiva, se tornando mais complexa e remetendo à imaginação.

Daí evoluiu o Barroco, trazendo a sensibilidade que aproximava o belo a figuras informes e sem significação. Aqui, mais importante do que descrever exatamente a beleza feminina era exprimir a multiplicidade de particularidades e de relações do corpo da mulher; detalhes como o cabelo ou um simples sinal. É nesse período que a beleza imóvel e inanimada do Classicismo é substituída por uma dramaticamente tensa. Uma beleza “para além do bem e do mal”, que toma o lugar dos modelos naturais e objetivos, e que “pode dizer o belo através do feio, o verdadeiro através do falso, a vida através da morte”. (ECO, 2004, p.233)

Durante o Iluminismo, a subjetividade ganha espaço no que diz respeito à concepção de beleza. David Hume, por exemplo, sustenta a tese de que a beleza não seria inerente às coisas, mas se formaria na mente do observador livre de influências externas. Ao “gosto corpóreo” descoberto por Galileu no século XVII – de que o doce e o amargo não dependem do alimento, mas dos órgãos gustativos de quem os experimenta – corresponde o “gosto espiritual”, confirmando a máxima de que “gosto não se discute”, já existente na época. É o ápice do sujeito moderno:

Uma causa evidente em razão da qual muitos não experimentaram o sentimento justo da Beleza é a falta daquela delicadeza da imaginação necessária para que se possa ser sensível àquelas emoções mais sutis. Toda a gente pretende ter essa delicadeza, todos falam dela e procuram tomá-la como padrão de toda espécie de gosto ou sentimento. (...) Embora seja inegável que a beleza e a deformidade, mais que a doçura ou amargor, não são qualidades dos objetos, mas pertencem inteiramente ao sentimento, interno ou externo, é preciso reconhecer que há nos objetos certas qualidades que estão por natureza destinadas a produzir esses peculiares sentimentos. (HUME, 1745 apud ECO 2004, p.276)

Outra inovação importante do século XVIII se dá na relação dos intelectuais com o público, no surgimento de novos temas artísticos e na afirmação dos salões

femininos e do papel da mulher. A beleza perde todo o tipo de ideal e perfeição. As mulheres barrocas são substituídas por mulheres menos sensuais, mas mais livres no costume, sem corpetes sufocantes e com os seios e os cabelos livres. A experiência estética passa a pressupor um prazer desinteressado, produzido na contemplação do belo. Immanuel Kant, em sua *Crítica da faculdade do juízo*, afirma que o gosto é a faculdade de julgar o objeto desinteressadamente, mediante um prazer ou desprazer, ou seja, a razão deveria renunciar a supremacia que possuía sobre a cognição e a moral para se deixar ceder pela imaginação. A partir daí, Kant admite que haja elementos não racionais e reconhece no Sublime a natureza informe e ilimitada. (KANT, 1790 apud ECO, 2004)

O racionalismo vai perdendo força quando o lado obscuro da razão humana passa a ser admitido. Sua independência em relação à natureza permite que se reduzam objetos e pessoas ao seu domínio e a sua manipulação. A beleza dos corpos perde a conotação espiritual e exprime o prazer carnal e cruel. O sentimento vem, então, ganhando força.

Relatividade da beleza

Um conceito relativo para a beleza, nem tanto objetivo como na Antiguidade, nem puramente subjetivo quanto no início da modernidade, começa a surgir a partir do movimento romântico. Afinal, o Romantismo traz como novidade o acolhimento das contradições e antíteses, e o fato de que, agora, as formas seriam ditadas não só pela razão, mas por esta e pelo sentimento, por um estado da alma. Por isso a associação da beleza à melancolia, que vai ser retomada depois em outros movimentos, tais como o impressionismo, o surrealismo e o kitsch pós-moderno.

É nesse momento, em que se começa a valorizar a pesquisa histórica, que surge a idéia de que a beleza seria algo relativo e de que não existiria um “monopólio da poesia”, segundo Friedrich von Schlegel (SCHLEGEL, 1795 apud ECO, 2004). Para ele, os antigos não possuíam “uma fé beatificante da Beleza”, nem eram artistas eleitos cujas idéias seriam absolutas. Muito interessante é o texto de Pierre-Ambroise Choderlos de Laclos, que ao falar sobre as mulheres e sua educação, já admite o papel

da cultura na formação dos gostos e hábitos, embora ainda considere haver algumas qualidades que “em qualquer lugar são sinais de Beleza”, ou, de certa forma, absolutas:

Por outro lado, se o que se deseja é convencer que a Beleza só age porque remete à idéia do prazer e é representada por nós pelo conjunto de traços que estamos mais habituados a ver, basta mudar de país. Transportem um francês para a Guiné: inicialmente o aspecto das negras irá afastá-lo, pois seus traços, insólitos para ele, não evocarão nenhuma lembrança voluptuosa, mas a partir do momento em que se habituar a eles deixará de ser repellido e assim, mesmo continuando a escolher entre elas as mais próximas dos cânones da Beleza européia, começará a reencontrar o gosto pelo frescor, pela altura e pela força que em qualquer lugar são sinais de Beleza; depressa, com o aumentar do costume, acabará por antepor as características estéticas que vê todos os dias àquelas das quais não guarda mais que uma tênue recordação e preferirá um nariz achatado, lábios grossos etc.; nascem desse modo múltiplas interpretações da Beleza e aparentes contradições nos gostos dos homens. (LACLOS, aprox.1800 apud ECO, 2004 p.301)

Rousseau traz de volta a expressão “um não sei o quê” para conceituar uma beleza inexprimível em palavras. Entretanto, isso denomina a emoção surgida no espectador, e não mais “algo” existente inexplicavelmente no objeto, como dito no Maneirismo. Nesse mundo burguês, onde há a valorização do indivíduo e o surgimento de um livre mercado da cultura, os artistas devem agora se expressar através do sentimentalismo, em busca da comoção da opinião pública e da negação do mundo frio e estreito da aristocracia. A distância entre sujeito e objeto é diminuída, visto que os românticos pensam a beleza como um devir e as antíteses clássicas como relações dinâmicas. Dessa forma, o sujeito começa a se inter-relacionar com o objeto sem se tornar escravo dele ou perder sua subjetividade.

No século XIX, diante da opressão do mundo industrial, das novas formas das máquinas e dos novos materiais, e do surgimento de novas classes, o artista decide se fazer alheio às idéias políticas e cotidianas, e assim se forma uma certa “religião estética”. A Arte pela Arte traz a idéia de que a beleza seria um valor primário a ser realizado a qualquer custo. É nesse cenário que surge na Inglaterra (e depois se espalha

por toda a Europa) o dandismo, que vê no ideal de beleza um culto à vida pública, à elegância, ao modo de se vestir e ao desprezo pelo sentimento comum, tendo Oscar Wilde como um dos mais expressivos dândi e Charles Baudelaire como um de seus teóricos. A beleza maior estaria na arte, e não na natureza, e fazia-se de tudo para alcançá-la, inclusive práticas desregradas, cruéis e perversas (como o *Dorian Gray* de Wilde).

Cada vez mais a cidade se mecaniza, trazendo o sentimento de que

“ninguém pertence a si mesmo e todo o recurso à interioridade é desencorajado: os jornais (...) achatam a experiência individual em esquemas genéricos; a fotografia, triunfante, imobiliza de modo cruel a realidade, fixa o rosto humano em um olhar atônito para a objetiva, tira da representação qualquer aura de insondabilidade, mata – na visão de muitos contemporâneos – as possibilidades da imaginação”. (ECO, 2004, p.346)

Dessa visão surge, com Baudelaire, o Simbolismo. Pode-se, agora, conferir às coisas, através da arte e da sugestão, o valor e a beleza que elas não possuíam. Esse movimento começa a dar vida a novas técnicas de contato com a realidade, já não se busca uma beleza do alto, mas se propõe um contato com a matéria. Um momento importante para a relativização da concepção do gosto é o impressionismo, que afirma, com Manet, que o artista não faz uma paisagem ou uma figura, mas sim sua impressão, a certa hora do dia, dessa paisagem ou figura. A arte se torna não mais o registro de um ideal do belo, mas um instrumento de conhecimento. A partir daí, até mesmo na arquitetura se abandona a busca por um ideal estético, e os edifícios passam a exprimir as aspirações sociais do público que desfrutará deles.

O século XX traz movimentos pautados no novo e na diversidade: o *Art Nouveau* e o *Jugendstil*, por exemplo. Descobre-se o corpo humano, principalmente o feminino, que passa a ser estilizado. A mulher é sensualizada, eroticamente emancipada, valoriza a cosmética e o *design* é feito para se tornar cada vez mais acessível ao gosto comum. A beleza exuberante é logo substituída por outra mais funcional, síntese de qualidade e produção em massa, reconciliando arte e indústria.

A redução de todo objeto à mercadoria e a diminuição de seu valor de uso modificam a natureza principalmente dos objetos cotidianos, que deviam sempre ser

úteis, práticos, econômicos e aceitáveis pelo gosto comum para serem produzidos em série. Assim, perdem a unicidade (a “aura”), que antes determinavam sua importância e beleza. A nova beleza, portanto, é reproduzível mas transitória e perecível, devendo ser consumida e substituída rapidamente para não prejudicar o crescimento do sistema de produção. À tendência de que os espaços da arte sejam agora dedicados a objetos cotidianos como móveis, respondem, principalmente, dois tipos de crítica um pouco diferentes entre si. O dadaísmo, com Marcel Duchamp, com uma crítica irônica e feroz, “pervertendo” o sentido dos objetos de uso nas exposições; e a *pop art*, com Andy Warhol, com uma revolta sem esperanças, mais dada à “perversão” das imagens e que poderia, também, de certa forma, ser reproduzida em série.

É nesse contexto que a máquina vai ser exaltada pelo futurismo, iniciando uma estética industrial de louvor à velocidade e à afirmação de que mais bela será a máquina quanto mais for capaz de exibir sua própria eficiência. Ao ideal de *design*, alterna-se o de *styling*, em que formas não derivadas de sua função podem tornar o objeto (máquina) esteticamente mais agradável aos consumidores.

A contemporaneidade, a partir da década de 50 aproximadamente, reinventa e reavalia a matéria, renunciando às formas e permitindo que as obras se tornem quase que obra do acaso. Até mais ou menos a década de 60, havia uma luta dramática entre a Beleza da provocação (proposta pelos movimentos de vanguarda) e a Beleza do consumo (proposta pelo consumo comercial e contra a qual a vanguarda lutou durante mais de cinquenta anos, apesar de segui-la até sem perceber). A partir daí, essas duas concepções vão se tornando cada vez mais próximas, ou seja, aqueles que faziam uma, não conseguiam não consumir a outra. Para Umberto Eco, essa é a contradição típica do século XX. (ECO, 2004)

O surgimento da TV traz aos poucos novas formas de visibilidade e “democratiza” o acesso à arte e à beleza. Comparando o que Paulo Vaz (2002) definiu como os valores da sociedade do risco à idéia de “democratização” da beleza proposta por Georges Vigarello (2004), vê-se que esta idéia demonstra, na verdade, um discurso que se efetiva exatamente na proposta de ser democrático. Para Paulo, “os valores maiores de nossa sociedade parecem ser, na relação consigo, o bem-estar, a juventude prolongada, o auto-controle e a eficiência; na relação com os outros, a tolerância, a segurança e a solidariedade.” (VAZ, 2002, p.18). Por isso, o discurso do respeito às

diferenças, das muitas belezas e aparências que se pode escolher, exaltadas por diferentes “estilos” de modelos e celebridades, na verdade acaba servindo para constranger aqueles que não conseguem escolher ou conquistar uma beleza. O discurso de que qualquer um pode ser belo, desloca a responsabilidade das insuficiências (ou da falta de auto-controle) para o próprio indivíduo. Mesmo que a genética venha tentar provar que os traços físicos e, portanto, a beleza é pré-determinada, não há desculpa: sempre há oportunidade de se fazer uma cirurgia plástica, dietas e exercícios. A beleza se artificializa e, como consequência, se “democratiza”.

Hoje, o advento das técnicas eletrônicas tais como o computador, câmeras de vigilância, máquinas fotográficas digitais, etc, permite que se busquem aspectos formais inesperados, muito além da matéria, em consonância com as novas formas de identidades, cada vez mais fluidas e dinâmicas. “Nasce desse modo uma nova forma de objeto encontrado que não é objeto artesanal ou industrial, mas coisa profunda da natureza, tessitura invisível ao olho humano. É a nova estética dos fractais”. (ECO, 2004, p.409). Arte e tecnologia se fundem, assim como influenciam nas novas concepções de beleza. A computação e a interatividade fazem emergir a era da virtualidade, em que a superficialidade e a aparência se evidenciam através da importância dada ao meramente visual. A mulher, e cada vez mais também o homem, pode ter seu corpo perfeito apenas numa tela de TV ou computador, através de fotografias digitais e softwares de “correção”, pois são nas telas que nos mostramos agora ao mundo e onde esperamos encontrá-lo.

No Brasil

Acabamos de observar, portanto, como a concepção de beleza foi se modificando no mundo ocidental, primeiramente no continente europeu e, mais tarde, no americano. Entretanto, é interessante observar também como esses padrões de beleza foram mudando – e se adaptando – no Brasil, na medida em que as transformações citadas acima iam ocorrendo na Europa. Isso porque, se afirmamos que tais concepções são construções históricas e culturais, certamente não serão as mesmas num país colonizado, latino-americano, com origem tão diversa da dos países europeus. Cabe aqui fazer uma breve análise não dos movimentos culturais e artísticos que se seguiram,

muitas vezes, aos seus correspondentes no mundo da antiga metrópole, mas sim tentar perceber por que muitas idéias surgidas lá foram assimiladas aqui de outra forma e porque muitas permanecem até hoje. Minha intenção não é fazer um histórico das “raças”⁵ existentes no Brasil, ou quais padrões de beleza foram adotados em diferentes períodos na sociedade brasileira. Pretendo apenas mostrar como a importação dos modelos estéticos europeus acabou gerando conflitos com os povos indígenas e negros, por exemplo, se configurando em formas de dominação e poder intensas, e como tais conflitos existem até hoje, principalmente sob o discurso da multiracialidade e multiculturalidade, o que influencia no que é considerado belo ou não no Brasil.

Ao chegarem por aqui em 1500, os portugueses viram nos índios características parecidas com as dos europeus, sendo possível, assim, que os considerassem belos. Na carta de Pero Vaz Caminha (1500) não são poucas as vezes em que o escritor elogia os corpos e as feições dos indígenas, às vezes comparando-os com os próprios portugueses, como quando diz que “a feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos” e “os cabelos seus são corredios”; ou que “nenhum deles era fanado, mas todos assim como nós”; e ainda: “andavam todos tão dispostos, tão bem-feitos e galantes com suas tinturas, que pareciam bem”. Sobre as mulheres, Caminha escreve: “E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela”.

Talvez a “falta de vergonha” descrita por Caminha tenha sido o que mais fascinou os portugueses, pois, além de evidenciar a ingenuidade do povo “descoberto” – o que é perfeito para a dominação – demonstra o deslumbramento com o exótico, que, nesse caso, transmitia a idéia de um local paradisíaco, imaculado, trazendo à tona o ideal do “bom selvagem”. A beleza, associada pelos católicos europeus da época à pureza, à virgindade e à inocência, encontra aqui uma forma de ser concretizada. Sobre isso, escreve Caminha:

⁵ Utilizo o termo “raça” como um sinônimo para “etnia”, tal como disseminado popularmente, mesmo tendo a consciência de que atualmente seja politicamente incorreto o uso dessa palavra, já que se argumenta, inclusive a partir de estudos genéticos, que só existe uma raça: a raça humana.

Porém e com tudo isso andam muito bem curados e muito limpos. E naquilo me parece ainda mais que são como aves ou alimárias monteses, às quais faz o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas, porque os corpos seus são tão limpos, tão gordos e tão formosos, que não pode mais ser. (...) Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. (...) Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal, que a de Adão não seria maior, quanto a vergonha. (CAMINHA, 1500)

Ainda de acordo com a religião e a economia européias, os portugueses decidem catequizar os índios. Primeiro, pela associação da beleza à idéia de alma, pois, se eles eram belos como os europeus, podiam ser considerados homens, e, portanto, possuíam alma, devendo assim ser catequizados; segundo, porque, dessa forma, dominavam-nos culturalmente, o que seria bom para o comércio português.

E, portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar, aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa. (CAMINHA, 1500)

A partir disso, pode-se pensar que não houve conflitos maiores entre índios e europeus, já que estes consideravam aqueles como sendo homens e, mais ainda, como sendo belos. Entretanto, essa visão que os portugueses possuíam dos índios, como sendo ingênuos, exóticos e selvagens contribuiu para que se efetivassem formas de poder, pois os europeus, sendo “civilizados e sábios”, se consideravam superiores. Sendo assim, podiam se apropriar não só dos recursos naturais, e, no início da colonização, da força de trabalho dos índios, mas também das “belas e inocentes” mulheres indígenas. Essa visão do índio como sendo ingênuo e, portanto, menos capaz do que os brancos permanece até hoje, através da tutela exercida pelo Estado e do processo, cada vez maior, de aculturação desses povos.

Muito diferente desse quadro foi a forma de dominação praticada com os negros africanos. Estes, para os portugueses, não poderiam possuir nem alma, visto que não possuíam beleza alguma. Logo perceberam que, para que a exploração do continente americano fosse mais efetiva e já que os índios – agora sendo catequizados – não podiam mais ser escravizados, a escravidão africana era uma boa solução (ainda mais com os lucros do tráfico). Assim, difundiu-se a idéia de que o negro era uma “raça” inferior, freqüentemente associada à impureza e à fealdade no decorrer dos séculos.

Mas foi após a abolição da escravatura e da “entrada” do negro na sociedade que essa dominação se tornou muito mais intensa, embora mais sutil. Nas primeiras décadas do século XX, era difundido, principalmente entre a comunidade negra, o ideal de “clareamento”, não só físico, através do branqueamento biológico ou estético, mas também social, através dos hábitos e costumes. Por isso, os negros “branqueados socialmente” desenvolveram um terrível preconceito em relação às raízes da negritude, recusando a herança cultural africana e se isolando do convívio social com os negros da "plebe". E era a própria imprensa negra o principal instrumento do puritanismo negro. Apesar de ser uma simples fantasia e fazer parte das festividades carnavalescas, por exemplo, não se admitia que a mulher negra assumisse um personagem que, no plano simbólico, subvertia a moral branca. As ofensivas moralistas se dirigiam, da mesma maneira, às manifestações musicais genuinamente negras, como o samba.

Mas era no campo da estética que a ideologia do branqueamento expressava toda a sua força. O modelo branco de beleza, considerado padrão, fazia surgir o desejo do negro de eliminar seus traços negróides, a fim de se aproximar, no plano das aparências, ao branco (nariz afilado, cabelos lisos, lábios finos, pele clara). Petrônio José Domingues (2002), que pesquisou sobre a ideologia do branqueamento em comunidades negras de São Paulo, afirma que um exemplo do "branqueamento estético" foram as inserções publicitárias nos jornais, tanto da "imprensa negra" quanto da "imprensa branca”:

Uma invenção maravilhosa!...

"O cabelisador". Alisa o cabelo o mais crespo sem dôr.

Uma causa que até agora parecia impossível e que constituia o sonho dourado de milhares de pessoas, já é hoje uma realidade irrefutavel.

Quem teria jamais imaginado que seria possível alisar o cabelo, por mais crespo que fosse, tornando-o comprido e sedoso?

Graças á maravilhosa invenção do nosso "CABELISADOR", consegue-se, em conjunto com duas "Pastas Mágicas", alisar todo e qualquer cabelo, por muito crespo que seja.

Com o uso deste maravilhoso instrumento, os cabelos não só ficam infallivelmente lisos, mas também mais compridos.

Quem não prefere ter uma cabelleira lisa, sedosa e bonita em vez de cabelos curtos e crespos? Qual a pessoa que não quer ser elegante e moderna?

Pois o nosso "Cabelisador" alisa o cabelo o mais crespo sem dôr. (O Clarim D'Alvorada, São Paulo, 9/6/1929:1, apud DOMINGUES, 2002)

No entanto, o "branqueamento estético" não se restringia ao alisamento dos cabelos, mas atingia a principal marca definidora de raça no Brasil: a cor da pele. Alguns produtos, principalmente de procedência alemã, prometiam a proeza de transformar negro em branco mediante a despigmentação, ou seja, através do "clareamento" da pele. A beleza alemã, ou melhor, ariana, era considerada exemplar, e deveria ser importada pela comunidade negra. A ideologia do "branqueamento estético", eficaz na alienação do negro, oficializou então a brancura como padrão de beleza e a negritude como padrão de fealdade.

O número de produtos e serviços que prometiam ao negro alcançar o padrão de beleza dominante crescia a cada dia. Além de cremes e aparelhos alisadores, toda uma rede de salões "afro" começou a surgir. Para um branco da época, a origem desse esforço para esconder as características da raça (tanto por negros quanto por mulatos e até brancos) estava nos "cânones estéticos que sempre inspiraram a Nação". (DOMINGUES, 2002). Para ele estes cânones seriam os mesmos que norteavam todos os povos ocidentais, por isso o afastamento cada vez maior dos valores africanos.

Como forma de fuga étnica, havia também o branqueamento biológico, alcançado através do casamento de negros com brancos. A saída, geralmente, era bem intencionada, pois os negros imaginavam que os filhos e os netos dos casamentos com pessoas mais claras levariam uma vida com menos dor, sofrimento e com mais chances de vencer na vida. Alguns descendentes de africanos chegavam ao ponto de pensar que a cor da pele fosse alguma deformação patológica, cuja cura ainda não tinha sido

descoberta e logo, logo, surgiria uma “droga” que poderia “lavar” a pele. (DOMINGUES, 2002) “Desnegrecer” seria eliminar o complexo de inferioridade.

Outra forma de branqueamento foi o processo de mestiçagem implementado pelo governo, através da imigração européia, principalmente no Sul e Sudeste do país, e que era considerada fonte de “higienização” do negro. Este não se sentia mais africano e sim "latino" ou "ocidental", o que fazia um intelectual declarar: “Não pretendemos perpetuar a nossa raça, mas, sim, infiltramo-nos no seio da raça privilegiada a branca, pois, repetimos, não somos africanos, mas puramente brasileiros”. (O Bandeirante, São Paulo, 9/1918:3, apud DOMINGUES, 2002).

Assim, o paradigma branco de beleza, comportamento, moral, mentalidade, etiqueta e cultura, foi assimilado por alguns membros não só da comunidade negra, mas de outros povos que acabaram imigrando junto com os europeus, tais como asiáticos e judeus.

Hoje ainda percebemos resquícios dessas ideologias propagadas desde o descobrimento do Brasil. Ainda que se tenha um discurso voltado para a aceitação das diferenças e a associação do povo brasileiro, principalmente na publicidade, à mestiçagem, com a utilização de imagens que exaltam diferentes raças e culturas, observa-se que, respeitando as devidas proporções, ainda se busca um ideal de beleza voltado aos padrões europeus. Acompanhando a idéia de “democratização” da beleza expressa por Vigarello (2004), a beleza estaria presente em várias formas, mas não em todas as pessoas. É o que faz, por exemplo, as modelos brasileiras que fazem sucesso serem de uma beleza “clássica” (Gisele Bunschen) ou de uma beleza “exótica” (Raica de Oliveira). As “comuns” ou as gordinhas, que teoricamente deveriam também ter acesso a essa “democracia”, tentam então de todas as formas se encaixar em novos padrões que, mesmo mais sutis, ainda existem.

Afinal, quem determina o que é belo?

Vimos como determinadas épocas ou culturas viam a beleza e o que pensavam sobre sua origem. Para os gregos, por exemplo, o que determinava se algo era belo ou não, era simplesmente sua essência ou sua proximidade com um modelo verdadeiro do Mundo das Idéias. Nesse caso, para eles, a beleza não era nem um conceito, mas algo

“concreto”, inerente ao objeto. A origem da beleza de alguém ou de alguma coisa estaria exatamente nas suas características inatas (que mais se assemelhassem ao ideal de Belo) ou na busca desse alguém ou desse algo pela perfeição, ou seja, pela proximidade com o Bem.

Depois, quando surge o sujeito e, por consequência, a subjetividade domina sobre as qualidades objetivas, o que determinava o belo era o “gosto”, ou seja, o que cada um apreendia do objeto. Mas de onde, de fato, viria esse “gosto”, ou essa concepção de beleza? Para os filósofos da época, poderia se dizer que seria inerente a cada um, ao seu “eu”, ou seja, só seria capaz de enxergar o belo aquele que tivesse os sentidos “apurados”, aquele que fosse mais sensível ou “culto”.

A partir do estudo histórico e da idéia de relatividade cultural, o gosto e, portanto, o ideal de beleza passa a ser concebido como algo construído culturalmente. Achar algo bonito agora não mais dependeria de uma pré-determinação existente no objeto ou no sujeito, mas dos hábitos e das experiências entre o indivíduo e o objeto. O estreitamento das relações entre novos povos e novas culturas, trouxe a possibilidade de considerar belas formas antes vistas como diferentes e estranhas.

Atualmente, observamos uma coexistência de pensamentos acerca da origem da beleza. Alguns a entendem como algo histórico e cultural, mas outros voltam a vê-la como algo pré-determinado. Só que agora não mais por uma essência metafísica ou um gosto refinado, e sim pela genética. Com o avanço das técnicas científicas, da fisiologia e da engenharia genética, muitos cientistas acreditam que algumas características como a simetria e a proporção são mesmo a razão de algo ser belo (nesse caso, a beleza estaria de novo no objeto). Mas, para eles, se achamos bonito algo simétrico e harmônico, não é porque aprendemos historicamente assim, mas porque nascemos com essa predisposição genética, que influenciaria-nos desde nossas escolhas primitivas de sobrevivência (aí então a beleza dependeria do sujeito, não mais do seu gosto, mas de seu genoma).

O professor Ney Pereira (2004), que é também proprietário de academia, diz sobre a origem da beleza:

Definitivamente não é necessário, em alguns casos, praticar musculação para ter um corpo belo e estético. Alguns já nascem assim! Ou seja, suas características físicas já foram pré-determinadas em seu código genético. Quando nos

relacionamos à estética dos seres humanos devemos levar em consideração a hereditariedade, que são as características transmitidas nos cromossomos, portanto sua genética. (...) Porém até agora nos referimos à hereditariedade somente como facilitadora do aspecto estético, como simetria, proporcionalidade, etc. (PEREIRA, 2004)

Outros pesquisadores, do ramo da fisiologia, dizem que um ser humano é atraído por outro não só por seus aspectos físicos, mas também por aspectos fisiológicos, como a liberação de ferômonios. Muito difundida hoje em dia, essa idéia – que acaba trazendo de volta a tese de que a beleza de um objeto não está somente na sua aparência, mas também em algo (já determinado) invisível e imperceptível conscientemente – só possui comprovação científica no caso de animais.

No entanto, mesmo os que acreditam que a beleza possa ser pré-determinada admitem que técnicas que possibilitam a artificialização do corpo podem, inclusive, atuar nessas características inatas. Por isso, mesmo que uma pessoa nasça “feia”, ou melhor, sem aqueles elementos que, de alguma forma, atraem o olhar e o desejo do outro, ela pode se transformar através de produtos “embelezadores”, exercícios físicos, dietas, cirurgias plásticas e, no futuro, quem sabe até intervir em seu código genético para que a beleza seja transmitida a seus descendentes.

Como dito anteriormente, para esses especialistas, a beleza seria algo inato (presente no objeto, ou em seu DNA) só percebida pelo outro porque este também possuiria em seu genoma a “capacidade” de perceber essa beleza (aí, então, ela estaria presente no sujeito, mas de forma biológica ou natural). É claro que tais concepções não seriam assim tão simplistas, mas, para eles, certamente a história e a cultura, mesmo que influenciassem de algum modo no gosto, não importaria tanto quanto o que fosse determinado.

Beleza e mídia

Os meios de comunicação exercem um papel decisivo nos ideais da imagem corporal. A beleza sempre foi propagada pela mídia no intuito de reforçar valores e atrair leitores, espectadores e, recentemente, audiência. Nesse caso, ela pode ser considerada um “espelho” da sociedade, ou seja, divulga aquilo que os indivíduos de

determinada época ou local consideram como sendo verdade. Entretanto, a mídia tem também o papel de formar conceitos e opiniões, lançando modas, gírias, comportamentos. Afinal, desde o seu surgimento, a imprensa, através das notas informativas dos reinos, deve disseminar hábitos, leis e costumes, além de informar sobre o que acontece no cotidiano.

As primeiras representações do corpo na mídia parecem ter surgido a partir do momento em que nasce a publicidade nos jornais, através de desenhos ou fotografias. Mas, até a popularização do cinema, por exemplo, as imagens da mulher eram relacionadas ao trabalho doméstico e suas formas deviam seguir o padrão de saúde existente no início do século XX: eram “cheinhas”, roliças e fortes, afinal, um corpo belo era um corpo sem doença, robusto e corado. Assim também eram as artistas do rádio que, embora não aparecessem para a maioria dos ouvintes, cantavam ao vivo para um auditório na sede da emissora. Também em relação à mídia escrita, o aparecimento de revistas direcionadas – tanto a mulheres quanto a homens – passaram a representar o corpo de forma mais estética e idealizada, não mais somente ligado a atividades cotidianas.

Mas foi com o cinema que a relação entre mídia e beleza se intensificou. As atrizes e os atores que faziam sucesso não só seguiam os padrões vigentes, como também lançavam novos padrões. O indivíduo comum passou a sonhar em ser como um artista de cinema, ou de se relacionar com alguém parecido com um. Entretanto, percebemos que a maioria das pessoas que sonhava com isso não acreditava que seria possível. A diva do cinema (e também a dos palcos dos teatros e dos concertos) era alguém que vivia em outra esfera, que não a dos “meros mortais”, como se dizia. Principalmente em países como o Brasil, que não convivia com os artistas de cinema, já que a maioria dos filmes eram americanos. Os “imortais” possuíam uma aura como se tivessem nascido para serem aquilo, como se houvesse um dom que destinasse aquele artista para tal vocação.

Com o surgimento da televisão entre as décadas de 50 e 60, assistimos ao início de uma transformação no modo de ver a beleza e que vai culminar atualmente com o surgimento de novas tecnologias de comunicação. As telenovelas, a exemplo do cinema, continuaram fabricando divas, musas, e galãs, mas agora com uma diferença: eles podiam ser vistos nas ruas, no supermercado, enfim, fora de seus personagens. Isso, de

certa forma, contribuiu para que a distância entre os cidadãos comuns e os artistas, antes inatingíveis, fosse diminuída. Assim, atores e atrizes de novelas passaram a adquirir cada vez mais espaço dentro da mídia (em programas de auditório e entrevistas, publicidade, etc.) e fora dela (participando de eventos beneficentes, inaugurações, etc.). Com isso, as estrelas passaram não só a ditar moda e ideais estéticos, mas também a serem porta-vozes de discursos morais e comportamentais, o que ocorre até hoje.

Com o aparecimento de novos programas televisivos, principalmente depois do surgimento da TV por satélite e a cabo, as estrelas viraram celebridades e mais, o cidadão comum pôde também se tornar celebridade. Programas como os *reality shows*, os de auditório que mostram problemas cotidianos de qualquer pessoa, e o próprio telejornal que promove reportagens nas ruas movimentadas ou em nossas próprias casas, possibilitaram uma inversão de lugares, ou melhor, o aumento do espaço de onde se é visto. A junção de tecnologias, como a televisão, o celular, o computador, as *webcams*, permitiram a emergência de programas cada vez mais voltados para a exposição superficial do corpo, pois a rapidez de informações e a quantidade de canais são imensas. Começam a surgir, também, vários programas especializados, que procuram orientar o indivíduo a alcançar a beleza e um corpo perfeito, assim como mostrar exemplos de pessoas que se transformaram e conseguiram encontrar a felicidade.

Adotando os valores da democracia política e econômica, assim como as idéias do multiculturalismo expressas por vários setores da sociedade, a mídia (principalmente no Brasil) retoma o mito da democracia racial e do sincretismo, em nome do “politicamente correto” e da ampliação do mercado consumidor. Entretanto, os corpos que representam essa multiplicidade estética são idealizações espetaculares, “puras”, sem parecerem fazer parte da hibridização histórica: são exaltações aos índios, aos negros, e outros, como eles eram antes do sincretismo e da miscigenação. Da mesma forma, hoje, são tratados também os corpos masculinos. Diante da necessidade de se conseguir novos mercados, começa-se a divulgar produtos e tratamentos voltados à beleza do homem, e suas imagens passam a estarem presentes na mídia tanto quanto as femininas.

Por isso, hoje a mensagem dos meios de comunicação em torno dos ideais de beleza acaba reduzindo o sujeito a um corpo em evidência – socialmente aceito ou

publicamente depreciado –, possibilitando uma exteriorização do indivíduo, em que o mais importante é o modo como se aparenta ser do que o que antes, na modernidade, era visto como relevante: os sentimentos, caráter, etc. Hoje, se é o que se mostra, portanto, para que o sujeito seja aceito pelo outro, ele deve ser visto. A mídia massiva, ao propagar os ideais de beleza, incita o indivíduo a sonhar em estar em evidência, lugar de onde pode olhar e ser olhado. Para além do corpo cultural, surge um corpo impassível, que sofre com métodos rigorosos, constituídos por cálculos, renúncias, reconhecimento exato sobre o peso e sobre a forma estética da imagem.

2

O CORPO

Segundo Michel Foucault (1987), “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1987, p.118), o que faz com que a história das técnicas de intervenções do corpo humano seja também a história da própria civilização, ou de como ela tratou o cuidado de si e do outro. Tais intervenções ocorreram, principalmente, como forma de adaptação social e cultural do corpo, atravessando, portanto, todos os âmbitos que correspondem ao relacionamento com o próximo e consigo, tais como as técnicas de produção, trabalho, comunicação, estética e consumo.

Maria Cecília Ugarte (2005), que estudou as transformações impostas ao corpo humano desde a Revolução Industrial até os dias atuais, lembra que, antes da revolução, os corpos trabalharam durante séculos integrados com suas ferramentas, como os teares, onde estavam presentes as sensações corporais, a imaginação e as emoções. Para ela, este era o *homo laborens*, que estava em inter-relação com as pessoas, os objetos e a natureza (UGARTE, 2005, apud SUGIMOTO, 2005).

Aos poucos, o *homo laborens* vai dando lugar ao *homo faber*⁶, quando se acelera o processo de industrialização e as famílias passam a trabalhar em fábricas. O indivíduo é desterritorializado e vai perdendo sua noção de todo, ou seja, de se ver como um inteiro formado por corpo, mente e espírito. Dentro desse conceito, Anson Rabinbach descreve o processo de construção do corpo e sua relação com o trabalho e caracteriza o século XIX como o século da fadiga e da neurastenia, pois, para ele, a modernidade industrial europeia via-se sempre ameaçada pelo fantasma da preguiça. Assim, o labor era pregado como um remédio contra os apetites dos sentidos e por isso a necessidade de docilizar os corpos, para que se transformassem em uma força de trabalho produtiva e disciplinada. (RABINBACH, ? apud SUGIMOTO, 2005).

Foucault também atentou para essa docilização dos corpos, ao descrever a sociedade moderna como uma sociedade disciplinar. Para ele, é nesse momento que “nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação

⁶ Termos criados por Hanna Arent.

que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil e inversamente” (FOUCAULT, 1987, p.119). Sobre a sociedade disciplinar e sua influência sobre o corpo e a produção de subjetividades, veremos mais detalhes adiante.

Objetivando a perscruta e o esquadrinhamento do corpo, surgem novas ciências como a fisiologia, a educação física e a ergonomia. Higienistas, fisiatras, psicólogos, médicos e políticos passam a reconhecer os danos do excesso de carga de trabalho, o que leva à defesa de reformas sociais com novas regulamentações e leis trabalhistas. A saúde da população precisava ser incentivada, para que o corpo aumentasse sua resistência ao trabalho. Segundo Maria Cecília, o corpo é deslocado para deixar de pertencer a si mesmo e servir como uma máquina de produção (UGARTE, 2005, apud SUGIMOTO, 2005).

Atualmente, com o advento das novas técnicas de comunicação e informação, o corpo já não é percebido como antes, desenraizando-se de si mesmo e esfumando-se em ambiente virtual. O trabalho passa a evidenciar não mais a produção, mas a mercadoria, e o modelo da fábrica vira o da empresa. Os salários passam a ser atrelados não mais às horas de trabalho, mas à produtividade, gerando maiores explorações e a sujeição do trabalhador para sobreviver. A fadiga e a neurastenia descritas por Rabinbach desdobram-se em denominações como depressão, estresse, anorexia, bulimia, obesidade e dependência química. De acordo com Gilles Deleuze (1992), a sociedade disciplinar vai dando lugar à sociedade de controle, onde a noção de risco substitui a de norma.

As novas tecnologias aumentam os limites antes impostos ao corpo e possibilitam a construção de novas subjetividades, cada vez mais híbridas e fluidas, mas não mais livres de mecanismos de controle e de poder, que hoje se configuram através não só do uso dessas novas técnicas, mas também do consumo. O corpo passa a ser visto como uma máquina de alta performance, que deve ser sempre aperfeiçoado, indo a academias de ginástica e consumindo produtos energéticos, por exemplo.

A partir desse breve panorama, que procura mostrar a importância do corpo e das intervenções sobre ele nas sociedades e subjetividades humanas, vamos ver agora como tais transformações serviram como instrumento de poder, principalmente no âmbito da estética do corpo feminino.

O corpo como instrumento

Como já foi explicitado acima, o cuidado com o corpo e a intervenção social sobre ele foi sempre um modo de exercer poder sobre os indivíduos. Tal poder se concretizou de diferentes formas, através das técnicas existentes em cada época e em cada sociedade. De acordo com Gilles Deleuze (1990), as técnicas desenvolvidas pelo homem sempre tiveram grande importância, seja por corresponder ou, de certa forma, determinar o tipo de sociedade da qual faziam parte e, mais além, os próprios indivíduos desta. Como ele mesmo exemplifica, as sociedades de soberania (tradicionais) manejavam máquinas simples, como roldanas e relógios; as disciplinares recentes eram equipadas por máquinas energéticas; enquanto que, hoje, as sociedades de controle operam por máquinas de informática e computadores (DELEUZE, 1992). Veremos agora alguns mecanismos, utilizados na modernidade e atualmente, principalmente os que dizem respeito às tecnologias de comunicação, que possibilitaram – e possibilitam cada vez mais – a manipulação do corpo e a conseqüente influência na produção de subjetividades.

Foucault afirma que, na modernidade, o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, desarticula e decompõe. (FOUCAULT, 1987) Para Fernanda Bruno (2004), tal transformação tem a ver com a inauguração da incidência do foco de visibilidade sobre o indivíduo comum (BRUNO, 2004). É nesse momento que surge o sujeito tal como nos referimos hoje, com identidade “própria”, ou seja, destacado das tradições e comportamentos coletivos e surge também o ideal de autenticidade, demonstração clara de que o indivíduo se constitui a partir do reconhecimento do outro: afinal, só se é autêntico e possui personalidade aquele que é “ele mesmo”, e não se deixa levar pelos outros. Na tópica moderna do sujeito, a aparência está vinculada à superfície, à exterioridade e à máscara, enquanto a realidade significa profundidade, interioridade e verdade (BRUNO, 2004).

Diferente do modelo das sociedades de soberania, quando o olhar incidia sobre os que detinham o poder (a nobreza e o clero), na modernidade o olhar é desviado para aqueles sobre quem o poder é exercido. O poder do panóptico torna-se cada vez mais anônimo, enquanto os indivíduos comuns ou desviantes (“anormais”) são cada vez mais atrelados a uma identidade, cada uma com seus comportamentos, sintomas, aptidões,

etc. (FOUCAULT, 1987). Importante notar aqui a questão do olhar do outro, que na contemporaneidade ganhará outro estatuto. Para Foucault, a vigilância e a disciplina dependem de todo um processo de subjetivação e interiorização, onde o olhar do outro constitui um olhar sobre si, situando o campo de visibilidade no interior do próprio sujeito. Ao elemento que permite essa passagem, ele denomina sanção normalizadora, que se abaterá não somente ao que cada um faz, mas àquilo que cada um é, hierarquizando os “bons” e os “maus” indivíduos (FOUCAULT, 1987). Assim, a disciplina se aplica sobre o corpo mas visa, sobretudo, a alma, fazendo-a sofrer através da culpa e assim permitir que os indivíduos almejem se adequar à norma e se submeter à reforma e à correção.

Segundo Fernanda, a exposição do indivíduo comum à visibilidade ganha continuidade na passagem da modernidade para a atualidade, se vista sob a perspectiva das tecnologias de comunicação. (BRUNO, 2004) Entretanto, tais tecnologias constituem novos dispositivos de visibilidade, com implicações na sociedade e na subjetividade diversas das da modernidade. Para Zygmunt Bauman (1999), com o surgimento dos meios de comunicação de massa e, principalmente, da televisão, emerge um novo dispositivo de poder e vigilância, onde muitos vigiam poucos e não mais poucos vigiam muitos como ocorria no modelo do panóptico (BAUMAN, 1999). O foco de visibilidade agora deixa de incidir sobre o indivíduo comum e se volta novamente àqueles que detêm o poder, só que agora com uma diferença: não são mais os reis e rainhas que brilham neste novo espetáculo, mas as celebridades. O indivíduo deixa de ser alvo de um poder que se exerce pela coerção, para ser dominado pela sedução.

Por outro lado, o crescimento de programas de “realidade” e confessionais, onde pessoas comuns expõem seus problemas ordinários faz com que qualquer um esteja novamente visível, agora não mais pelo panóptico mas nas telas de TV e dos computadores, neste través dos *sites* de relacionamento, *chats*, *webcams*, *blogs* pessoais e também através dos sistemas de vigilância eletrônica, cada vez mais difundidos.

De acordo com Fernanda, “os dispositivos contemporâneos vêm contribuir para a constituição de uma subjetividade exteriorizada onde vigoram a projeção e a antecipação. Exteriorizada porque encontra na exposição ‘pública’ (...) o domínio privilegiado de cuidados e controle sobre si.” (BRUNO, 2004, p.116). Assim, as novas

tecnologias de comunicação participam não só da construção de uma nova subjetividade, mas também de mudanças no estatuto do olhar do outro e do observador, no qual hoje se percebe a privatização do olhar antes coletivo (através dos blogs, por exemplo) e a primazia da previsão sobre a visão (através dos meios de vigilância eletrônica).

Ainda comparando com a sociedade disciplinar, percebemos, ao analisar as formas de produção, que as técnicas disciplinares deviam permitir a separação entre a força e o produto de seu trabalho, produzindo um corpo dócil, eficaz economicamente e submisso politicamente. Segundo Paulo Vaz (2002), pesquisava-se o corpo como força a ser domada e preservada, o que já não acontece atualmente (VAZ, 2002). Para ele, o nosso mundo caracteriza-se por um capitalismo de superprodução, onde o problema é consumir o que se produz em excesso à necessidade. Assim, o corpo entra no mercado como capacidade de consumir e ser consumido.

O corpo é consumido como imagem bela que permite vender e como partes que se pode vender para que outros tenham sua capacidade de perseverar no ser acrescida. (...) E capacidade de consumir porque, em primeiro lugar, o consumo passa a ser pensado como atividade que provoca prazer e não como o que é ditado pela necessidade; ao menos para a maior parte da população dos países ricos e para as camadas médias e altas dos países desenvolvidos, não se consomem mercadorias porque, por exemplo, se está com fome ou por precisar se vestir. (VAZ, 2002)

Hoje, a importação de modelos globais em todas as dimensões da vida humana pulveriza a dimensão simbólica, transformando os modos de produção, de hábitos, de valores, e promovendo um desenraizamento cultural, gerando um mundo de incertezas e de riscos produzidos, o que acarreta em novas formas de visibilidade e na fluidez das subjetividades humanas, diminuindo nosso senso de identidade e coletividade. Como explicou Stuart Hall (1992), ao contrário do sujeito moderno, que era centrado e unificado, o sujeito pós-moderno caracteriza-se pelo seu deslocamento e fragmentação. As identidades tornaram-se provisórias, mutáveis e instáveis, ocupando diversos espaços da vida ou se revezando em diferentes momentos. (HALL, 1992)

Diante disso, de acordo com o psicanalista Jurandir Freire Costa (2004), o ser humano recorre ao corpo como critério de identidade e o individualismo narcísico e hedonista elege o corpo e as sensações como os depositários dos valores pessoais (COSTA, 2004). Com o aprimoramento das técnicas científicas, a humanidade passa a acreditar que deve controlar o desgaste biológico, não devendo envelhecer e podendo deter a morte, aumentando a longevidade. Essa cultura das sensações é então a base pela qual se sustenta que a felicidade e o conhecimento são adquiridos, principalmente, através do âmbito do consumo, perfilando a esta lógica investimentos massivos na produção da imagem corporal feminina.

Tais transformações se tornaram possíveis graças ao avanço tecnológico das técnicas médicas e comunicacionais, como já foi dito anteriormente. De acordo com Paulo Vaz, as tecnologias biomédicas, por exemplo, pesquisam e propõem aos indivíduos que há mecanismos tecnológicos para se regradar a forma do corpo, tais como moderadores de apetite, alimentos sem colesterol ou calorias, drogas para controlar a impotência sexual, a insônia, a angústia, a depressão, etc. Já as novas tecnologias de comunicação afetam a experiência do corpo ao promover a mediação generalizada. “O sentido da presença, a definição do próximo e do longínquo no espaço e no tempo, a distinção entre real e imaginário – todas estas fronteiras interdependentes estão sendo postas em questão pelas novas tecnologias, especialmente a Internet e a realidade virtual”. (VAZ, 2002) O problema agora não é mais a diferença entre o visível e a identidade dos indivíduos, mas o jogo entre um hábito e sua consequência, entre prazer e futuro. A partir daí, pode-se dizer que estamos assistindo ao surgimento de uma sociedade de controle ou do risco, onde o corpo, virtualizado, é um bem a ser explorado nas suas capacidades de provocar sensações. (VAZ, 2002) Os limites do corpo não são mais impostos pela culpa do indivíduo, internalizada por alguma espécie de vigilância, mas pelos riscos que se corre – e pelo medo provocado por eles – na busca do prazer.

O corpo feminino

Em diferentes sociedades, o corpo feminino nunca foi aceito como era e, portanto, transformá-lo muitas vezes representou enfatizar as diferenças entre homens e mulheres, e marcar relações de poder que se dirigiam principalmente à manutenção da

ordem e do funcionamento social. Procuo aqui fazer um breve apanhado dessas diferenças, físicas e culturais, que influenciaram nas transformações do corpo feminino, primeiro através de técnicas externas à corporeidade, e agora de práticas cada vez mais invasivas.

Em primeiro lugar, é importante observar que, durante toda a história, fica evidente a divisão entre o “público”, no que tange aos papéis masculinos, e do “privado”, quanto aos papéis femininos. Segundo Daniela Angeli (2004), esse “privado” pode ser contraposto ao silêncio do corpo feminino, que se configura no silêncio das práticas abortivas, do abuso sexual, do incesto e da violência doméstica. Entre os espaços sociais em que se apresenta, o corpo feminino é reconhecido como objeto do olhar e do desejo (aspectos que logo se tornam alvos das campanhas publicitárias), mas aparece calado devido ao pudor que lhe é exigido como marca de feminilidade. Esse silêncio oprimente é reforçado, em diferentes épocas, pelo discurso médico no que se refere às doenças das mulheres, sempre consideradas eternas doentes, e ao seu restrito papel familiar; e pelo discurso político, que legitimava o controle dos casamentos e da natalidade. Aos homens, entretanto, se reservava a esfera pública, ficando sob sua responsabilidade o desenvolvimento da civilização urbana, através de sua agressividade e inteligência. (ANGELI, 2004)

Principalmente a sexualidade era marcada por essa divisão entre “público” e “privado”. As meninas eram educadas com pudor e a elas era negado o direito de conhecer sua sexualidade antes do casamento, o que resultava em uma primeira relação cheia de culpa e vergonha. Foi apenas no início do século XX que a idéia da educação sexual adquiriu espaço e, no Brasil, com o surgimento do carnaval, foi que as mulheres passaram a não mais esconder seus corpos. Mas, mesmo hoje em dia, quando a erotização e sensualidade da mulher estão presentes em todos os discursos, principalmente na mídia, ainda é constrangedor para as mulheres revelarem sua intimidade, ou ainda, para os homens aceitarem essas revelações.

Tais aspectos influenciaram de forma decisiva nas técnicas de transformação do corpo feminino ao longo da história. Alguns exemplos mostram que, para que a mulher fosse aceita, ela precisava expressar obediência, fragilidade e dependência. Na China, por exemplo, o que tornava uma mulher “casável” até bem pouco tempo era o enfaixamento dos pés: desde pequenas, as meninas enfaixavam seus pés de modo a

ficarem minúsculos, através do atrofiamento dos músculos e da quebra dos ossos. Assim, mais do que um padrão de beleza estipulado por aquela cultura (segundo os homens chineses, pés pequenos são sinônimos de graça e fragilidade) essa forma de transformar o próprio corpo denotava obediência e dependência, uma vez que as mulheres que não enfaixassem os pés não conseguiam se casar e que, mesmo casadas, depois de alguns anos, elas ficavam impossibilitadas de sair de casa e até de andar, dependendo totalmente do marido.

Na sociedade ocidental, o corpete também poderia ser um símbolo de fragilidade e dependência, já que seu uso era justificado exatamente pela mulher ter um corpo considerado naturalmente frágil e necessitado de uma certa “sustentação”. Com isso, a mulher esguia, de postura altiva e abdômen comprimido, passou a ser o padrão estético até o início do século XX. O corpete desaparece, mas deixa como resquício o sutiã, que tem como “alvo” uma parte do corpo feminino muito sujeita a alterações em diversas épocas, inclusive atualmente, e que, simbolicamente, remete à sexualidade, à fertilidade e à maternidade. Segundo Jane Ogden (2003), as tentativas de transformar os seios se devem a uma negação de suas funções biológicas, tornando-os meros acessórios *fashion*, que mudam de acordo com a época. (OGDEN, 2003) Por “temerem o destino biológico dos seus seios” (pois talvez seja através deles que o papel de reprodutora e submissa fica evidente), as mulheres tentam associá-los cada vez mais a uma imagem erotizada, enfaixando-os, apertando-os e, mais recentemente, diminuindo-os através de cirurgias plásticas ou aumentando-os com próteses de silicone.

Percebendo que as limitações impostas aos seus corpos as tornavam cada vez mais dependentes e subordinadas, embora fizessem parte de todo um arsenal estético que deveria servir para deixá-las mais autônomas, a partir da década de 60 as mulheres se libertam de suas obrigações artificiais. Assim, são deixadas apenas com seu próprio corpo para serem controladas. É nesse momento que surgem, nos Estados Unidos, as primeiras revistas voltadas para a dieta, a qual, de acordo com Ogden, equivale no mundo moderno às antigas técnicas de modelar o corpo. Para ela, os anos 60 representaram o *boom* da “indústria da dieta”, formada por livros, revistas e programas de TV especializados, clubes de dieta, vídeos de exercícios e anúncios publicitários de apoio à prática. (OGDEN, 2003) É também a partir desse momento que são

comercializados produtos estéticos mais “eficientes”, visando a eliminação das marcas do tempo (ou da velhice) e a correção de pequenos “defeitos”.

Com o avanço da medicina e da engenharia genética, o corpo se modifica não mais somente através de alimentos dietéticos, exercícios ou produtos cosméticos que atuam na superfície, mas começa a ganhar próteses que potencializam tanto a corporeidade interna (vitaminas, remédios para emagrecer e suplementos alimentares que desenvolvem a massa muscular, por exemplo) quanto a externa (aplicações de substâncias como o *botox* e de próteses como o silicone, intervenções cirúrgicas e, de certa forma, a utilização de novas tecnologias de comunicação).

As cirurgias plásticas, aliás, são motivos de controvérsias sobre o papel desempenhado pelas mulheres ao optar por essa prática como forma de transformação do próprio corpo, e expressam muito bem a mutação de nossa sociedade em uma sociedade do risco. Para as feministas (ou aquelas que defendem maior autonomia para as mulheres), esse tipo de intervenção pode ser considerado apenas mais um meio de submeter e oprimir o corpo feminino, de acordo com padrões estéticos disseminados pelos meios de comunicação. Entretanto, algumas pessoas, como a escritora Kathy Davis (1995), citada por Llewellyn Negrin (2002), hoje defendem a prática com o argumento de que esta seria uma “estratégia que possibilita a mulher exercer um grau de controle sobre suas vidas em circunstâncias onde elas teriam poucas outras oportunidades de auto-realização.”⁷ (NEGRIN, 2002, p.21) Nesse contexto, a cirurgia plástica se torna necessária, vista como produto de uma autodeterminação e não mais de coerção, o que está de pleno acordo com os novos funcionamentos de poder.

Mais ainda do que se submeter a rígidos sacrifícios e técnicas de intervenção, o corpo, buscando atingir a perfeição, passa a ser manipulado não apenas na matéria, mas também no âmbito virtual. As novas tecnologias da comunicação tais como a internet, propõem uma desmaterialização ao corpo que, no ciberespaço, pode ser considerado como um corpo expandido, alargado na medida em que se alargam as dimensões das redes. Segundo Nízia Villaça, desse ponto de vista, é possível pensar a rede como uma enorme prótese perceptiva conectada ao corpo humano. (VILLAÇA, 2005) A mulher

⁷ Tradução minha: “Kathy Davis, in her book *Reshaping the Female Body: The Dilemma of Cosmetic Surgery* (1995), offers a guarded ‘defence’ of the practice as a strategy that enables women to exercise a degree of control over their lives in circumstances where there are very few other opportunities for self-realization.” (Negrin, 2002)

perfeita, portanto, não é mais a de carne e osso, mas a virtual, formada a partir de *softwares* ou imaginada a partir de descrições em *blogs* ou *chats* na internet.

Corpo e mídia

De acordo com Paulo Vaz, a mídia tem uma função decisiva na nova forma de o poder ser exercido, já que este não é mais desempenhado pela vigilância, mas pela informação que adverte sobre os riscos. (VAZ, 2002) Para Jurandir Freire Costa, isso contribui para um enfraquecimento dos padrões tradicionais e cria um ideal, através da moral do espetáculo, que se torna mais que um modelo: é um modelo explosivo (COSTA, 2004). Hoje, na já denominada sociedade do espetáculo, regulada pelo individualismo e pelo mercado, a tecnologia participa da montagem de novos cenários e personagens. O estilo de vida midiático, principalmente o publicitário, investe na juventude e na perfectibilidade com fortes apelos à ciência estética e biológica.

O espetáculo reordena o mundo como um desfile de imagens que determina o que merece atenção ou admiração. Como viver sexualmente; como amar romanticamente; como educar os filhos; como ter saúde física e mental; como conquistar amigos e fazer amizades; como vencer no mundo dos negócios; como aproveitar melhor o tempo de lazer; como distinguir violência e paz; como saber o que é justo ou injusto; em quais políticos votar; quais filmes, peças de teatro e tipos de música gostar, enfim, como ser feliz e dar sentido à vida, tudo isto é aprendido por intermédio da mídia; nada disto convida o sujeito a pensar por que o significado do real se exaure em sua versão virtual. De modo breve, o espetáculo *faz da aparência inerência*. (COSTA, 2004, p.228)

Em vários momentos da história, o corpo foi concebido como algo imperfeito que necessitava de aprimoramento. As imagens representadas pela mídia foram sempre idealizações distantes do corpo “natural” ou comum: eram sempre corpos perfeitos. Entretanto, o que mudou foi a noção de perfeição de cada período (como já foi explicitado ao falarmos da relação entre beleza e mídia) e em que locais essas representações ocorriam, o que acabava influenciando no distanciamento dessas

imagens perfeitas, hoje cada vez mais próximas ou, pelo menos, ilusoriamente mais próximas, através das novas tecnologias de comunicação.

a) O corpo inatingível

As primeiras representações significativas do corpo seguiam essa tendência à idealização, mas também apareciam relacionadas aos hábitos cotidianos, principalmente em anúncios de jornais e revistas voltados para a saúde (ou doença). Na década de 20, por exemplo, adotando o discurso de que o corpo saudável era o robusto, corado e gordo, encontram-se exemplos de propagandas como a do Elixir de Inhame, que afirmava que o produto “depura, fortalece, engorda”; e o do Nutrion, que dizia ser “o melhor remédio contra a fraqueza, a magreza, a debilidade” (HOFF, 2005, p.22). Nesse período, os medicamentos e cosméticos atuavam na superfície do corpo prometendo apenas a cura, e não a transformação deste. Não havia como evitar, por exemplo, os efeitos do tempo, tais como envelhecer e morrer.

Por isso, o corpo desejado era aquele “naturalmente” belo, um corpo saudável que tivesse simplesmente nascido dessa forma. Isso faz emergir modelos de beleza e corpo perfeito, como sendo indivíduos privilegiados e inatingíveis. No cinema, por exemplo, as “estrelas” eram um ideal com o qual sonhar, mas com a certeza de que nunca se poderia alcançar tal beleza. Por causa disso, poucas pessoas conseguiam lugar de destaque no imaginário dos cidadãos comuns, visto que não eram todos os que possuíam aquele dom especial, aquelas formas físicas peculiares dadas somente a alguns. Um exemplo disso era que, no início dos procedimentos de cirurgias plásticas e corretivas, atrizes negavam terem se submetido a certas intervenções, mesmo tendo feito várias.

Ao longo do século XX, no entanto, a partir do desenvolvimento do saber sobre o funcionamento do organismo e sobre a medicina, promove-se, segundo Tânia Hoff (2005), uma des-humanização do corpo, já que este pode agora ser modificado, se confundindo com máquina ou produto (HOFF, 2005). A doença, que era o que antes retirava do corpo a possibilidade de aprimoramento e de se atingir à perfeição, passa a ser cada vez mais dominada. Esse processo de aproximação do ideal, visto que, podendo

transformar o corpo, torna-se possível também ficar “igual” àqueles que antes eram inatingíveis, efetiva -se a partir do surgimento da televisão.

b) O corpo-modelo

Com a popularização dos aparelhos de televisão, democratiza-se também o acesso a hábitos e a comportamentos que antes eram restritos a camadas menores da população (tanto ricas quanto pobres). Principalmente no Brasil, as telenovelas se tornaram vitrines de modelos de imagens a serem alcançados e de costumes a serem imitados. Ainda hoje, tal aspecto espetacular pode ser observado nesse tipo de programa, e está se difundindo em muitos outros. Sobre as limitações dessa busca, no entanto, que contribuem para que a “imitação” desses ideais acabe se concretizando apenas no âmbito da aparência, fala Jurandir:

Os indivíduos, além de serem levados a ver o mundo com as lentes do espetáculo, são incentivados a se tornar um de seus participantes pela imitação do estilo de vida dos personagens da moda. A imitação, contudo, não pode ir longe. A maioria nem pode ostentar as riquezas, o poder político, os dotes artísticos ou a formação intelectual dos famosos, nem tampouco fazer parte da rede de influências que os mantém na mídia. Resta, então, se contentar em imitar o que eles têm de acessível a qualquer um, a *aparência corporal*. Daí nasce a obsessão pelo *corpo-espetacular*. (COSTA, 2004, p.230)

É o nascimento do corpo enquanto modelo a ser seguido, agora com a esperança de ser alcançado. Surgem então programas e revistas voltados à intimidade dos artistas e a dicas dos mesmos sobre como se mantêm saudáveis, bonitos, etc., mostrando que, se qualquer pessoa seguir os preceitos ensinados por eles, irão conseguir um corpo perfeito. A partir da década de 60, surgem revistas especializadas em dietas, moda e “universo feminino”, e programas de TV que ensinam como fazer exercícios. É o auge dos desfiles e das grifes famosas, de onde surge um novo padrão de corpo: o bom agora não é mais ser robusto e forte, mas magro e esguio. As *top-models* disseminam o ideal de que quanto mais magra, melhor, e o discurso médico cada vez mais reforça a idéia de que obesidade e saúde não combinam.

c) **O corpo necessário**

Podemos perceber um novo modo de conceber o corpo, a partir do surgimento das novas tecnologias de comunicação, que sugerem novas formas de visibilidade e de controle. O computador, por exemplo, através de *softwares* e programas de imagem, permite uma intervenção virtual no corpo. Ou seja, se não consigo ou não tenho dinheiro para me submeter a uma cirurgia plástica ou a uma mudança no corte de cabelo, ao menos posso ver como eu ficaria se mudasse e, através da internet, divulgar minha imagem desse modo. Outras tecnologias, tais quais *web-cams*, câmeras de fotografia digitais, celulares, permitem também uma maior mobilidade ao corpo e, agora, qualquer um se sente capaz de estar onde antes só havia lugar para os “escolhidos” ou privilegiados: atrás das telas.

Se antes o cidadão comum era estimulado a imitar as celebridades apenas de fora da mídia, hoje ele é incitado a fazer parte dela, seja na TV – através de programas de auditórios, confessionais e de competições, ou de programas de realidade, que prometem transformar alguém desconhecido em famoso e, mais recentemente, transformar alguém “feio” ou rejeitado em uma pessoa bonita e feliz, através de técnicas de intervenção corporal –, seja na *web* – através de *sites* pessoais, *chats*, blogs e redes de relacionamentos. O discurso médico-científico, cada vez mais atuante no que diz respeito ao corpo e a saúde, encontram nos telejornais e nas séries especializadas (principalmente na TV a cabo ou por satélite) um meio de difundir suas descobertas e novas verdades. Em toda a mídia, principalmente nos anúncios publicitários, observa-se a impossibilidade de aceitar o corpo “natural” tal como ele se apresenta. As formas de modificação física e potencialização das funções corporais são demonstradas como uma necessidade. Para que o indivíduo se sinta realizado, é preciso ter um corpo controlado, gerido por uma autodeterminação e preocupação com os riscos futuros. Não importa o sacrifício de cirurgias, dietas, etc, o corpo que se deseja, totalmente convertido (do sofrimento ao sucesso, do natural ao artificial) e “purificado”, será a recompensa.

3

**CORPO E BELEZA HOJE
NO DISCURSO TELEJORNALÍSTICO**

Como visto anteriormente, a mídia hoje tem diferentes formas de representar o corpo e a beleza. Seguindo o discurso democrático, a televisão, por exemplo, nos mostra várias possibilidades de sermos belos e diversas maneiras de intervir no corpo para alcançar “novas identidades”. Assim, há espaço para todo tipo de programa, principalmente para aqueles que procuram disseminar a idéia de que, quanto mais o indivíduo consumir – e ser consumido – e buscar se modificar exteriormente, atento sempre aos riscos que corre, mais será aceito e alcançará a felicidade.

Entretanto, o discurso jornalístico e, mais especificamente, o jornalístico televisivo, procura difundir tais idéias de uma forma diferente dos outros discursos apresentados pela mídia. Sugerindo credibilidade e se propondo a ser imparcial e objetivo, o jornalismo historicamente se colocou como porta-voz das “verdades” e, portanto, formador de opiniões. Por isso, ao trabalhar em consonância com os valores da sociedade de controle (mesmo porque faz parte dela), não poderia optar por certos padrões que iriam contra os ideais de “não-preconceito” e da multiculturalidade propagados atualmente. Além disso, seu papel não é dizer “o que é mais bonito” ou “o que está na moda” – para isso existem, em quantidades cada vez maiores, programas e revistas especializadas –, mas garantir o bom funcionamento social e mostrar aos cidadãos o que eles podem fazer para serem melhores, tudo com comprovação científica. Por isso, a incidência tão grande de discursos sobre hábitos e vida saudáveis, e, principalmente, contra a obesidade.

Para demonstrar isso, pesquisei, em programas telejornalísticos da Rede Globo, por ser a maior e mais vista emissora do país, reportagens que pudessem embasar e exemplificar tais questões. No site Globo.com, há um espaço chamado Globo Media Center, onde, através de um sistema de busca, pode-se assistir a programas já transmitidos pela televisão desde, aproximadamente, o ano de 2002. Assim, procurei, no setor de jornalismo do sistema, matérias que deveriam possuir as seguintes palavras-chave: dieta, beleza e corpo, distúrbios alimentares. A escolha dessas palavras se deu antes da pesquisa, por serem termos que se relacionavam de alguma maneira com o

tema proposto, e durante a mesma, pois outros vocábulos foram utilizados mas não precisaram ser aproveitados, já que os resultados dessas buscas não foram suficientes ou significativos.

Empregando o termo “dieta”, a maioria das matérias encontradas, de diferentes telejornais (Jornal Hoje, Jornal Nacional e Globo Repórter), mostravam que mudanças na alimentação poderiam prevenir e até curar diversas doenças, tais como enxaquecas, hiperatividade, tendinite, câncer de mama e labirintite, exaltando a alimentação correta e o uso de “alimentos funcionais”. Dos sete resultados que falavam sobre isso, dois citavam claramente que seria importante emagrecer, entretanto, nenhum dizia que o motivo deveria ser estético, mas de saúde.

No Globo Repórter de 25 de maio de 2003, por exemplo, o título do programa era “Emagreça com saúde”, e nele eram citados alimentos que ajudariam a aumentar o metabolismo e queimar gorduras. A dica do jornalista era a de que não se deveria comer em horários impróprios, ou seja, a alimentação deveria ser feita com moderação. Já no Jornal Nacional do dia 28 de abril de 2004, foi apresentada uma matéria que mostrava que muitas pessoas que aguardavam na fila para fazerem a cirurgia de redução de estômago (e portanto possuíam obesidade mórbida) haviam se livrado dos riscos dessa cirurgia apenas através de uma mudança no hábito alimentar, muitas durante o tratamento preparatório para a intervenção cirúrgica. Segundo o repórter, essas pessoas haviam “vencido a balança”, por conta de sua disciplina e autocontrole. Já os entrevistados (principalmente as mulheres) que conseguiram emagrecer, afirmavam que agora se sentiam muito melhores, pois dormiam bem e se cansavam menos, e podiam usar roupas mais decotadas, justas, etc.

Ainda no Globo Repórter há um exemplo de discurso que se encaixa perfeitamente no conceito de sociedade do risco já explicado anteriormente. O programa de 14 de outubro de 2005, dia mundial da alimentação, é iniciado com a seguinte frase: “Quem tem medo das dietas? Um sacrifício... abandonar tudo o que se gosta de comer”. A seguir, mostra-se a fala de um entrevistado que já tinha sofrido de infarto e agora fazia dieta: “Custou caro? O mais importante agora é a saúde. Viver é melhor que comer”. E o repórter complementa: “Mas muitos não pensam assim, preferem viver perigosamente”. Um exemplo bem adequado para o que diz Paulo Vaz (2002):

A contrapartida de uma sociedade hedonista é a fragilização dos indivíduos. Na relação de cada um consigo mesmo, a fragilidade significa que tudo aquilo que nos dá prazer implica, simultaneamente, riscos de adoecimento, envelhecimento e morte prematura, bem como pode produzir dependência. Nossas vidas estão ameaçadas pela virtualidade de múltiplas doenças e supõe-se que somos incapazes de gerir nossa relação com o que nos dá prazer. (VAZ, 2002)

Utilizando os termos “beleza” e “corpo” encontrei resultados pouco significativos, já que, como vimos há pouco, o discurso jornalístico parece não se preocupar em transmitir ideais estéticos ou, pelo menos, não de modo claro e direto. Entretanto, é importante notar que muitas reportagens encontradas (principalmente de telejornais tidos como mais leves, ou menos preocupados com o cientificismo, como o RJTV – e demais jornais locais – e o Jornal Hoje) faziam referência ao aumento de possibilidades profissionais nos setores de estética, beleza, educação física e de técnicas de exercícios que conciliam estética e saúde, como o Pilates. Apenas uma matéria citava claramente a beleza: uma do RJTV mostrando a preocupação dos cariocas com a chegada do verão, a estação do “culto ao corpo”, segundo a jornalista.

Buscando a partir de “distúrbios alimentares”, encontrei um total de 22 resultados. Desses, onze eram relacionados à questão da obesidade, sendo apenas dois sobre obesidade mórbida; um falava sobre compulsão alimentar; um sobre os riscos de se malhar demais (causa da doença chamada Tríade da Mulher Atleta); dois sobre anorexia; e os outros três nada tinham a ver com beleza: falavam sobre intoxicação alimentar e mal da vaca louca. A partir daí, pode-se perceber que o que é considerado um distúrbio alimentar pelo discurso jornalístico é o que escapa aos padrões de disciplina e autocontrole, pois a maioria das reportagens tratava da obesidade apenas como peso acima do considerado saudável ou normal; ou daquela obesidade que poderíamos chamar de comum, fora de riscos presentes, mas dentro da preocupação com riscos futuros, já que poderia evoluir para uma obesidade mórbida e causar danos irreparáveis ao organismo e até mesmo a morte.

Estudo de caso: “Questão de Peso”

Durante quase seis meses, o programa dominical Fantástico, da Rede Globo, transmitiu a série “Questão de Peso”, apresentada pelo médico oncologista Dráuzio Varella, a qual, segundo Zeca Camargo (um dos apresentadores do Fantástico), iria explicar aos telespectadores “por que é tão fácil engordar e tão difícil emagrecer”. No primeiro programa, exibido no dia 14 de novembro de 2004, foram mostrados os hábitos alimentares de pessoas que vivem em uma cidade grande e estatísticas relacionadas à obesidade. Além disso, foi indicada uma comparação entre a quantidade de obesos na década de 20 na cidade de São Paulo e a existente atualmente, e uma explicação científica de por que o ser humano prefere alimentos gordurosos e pesados à comida leve e saudável. Segundo uma nutricionista entrevistada, hoje as pessoas estariam mais gordas devido à entrada da mulher no mercado de trabalho, o que provocou mudanças nos hábitos alimentares da família. E, de acordo com Dráuzio Varella, o homem escolheria comer uma carne à uma salada simplesmente porque essa preferência estaria impressa em seus genes, através de seleção natural (ele nem cita ou tenta explicar o que ocorre com os vegetarianos): há cinco milhões de anos, para que a espécie humana não percesse, devia comer alimentos com altos teores de gordura e, portanto, energia, pois não era sempre que podiam caçar e ainda eram nômades. Os que não digeriam bem este alimento, ou preferiam alimentos mais leves, ficavam mais fracos e acabavam morrendo. Após refeições tão pesadas, as pessoas ficavam parados, fazendo a digestão durante dias. Com isso, ele explica por que é tão difícil emagrecer: para ele, o ser humano seria naturalmente guloso e preguiçoso.

Já neste momento é fácil perceber a presença dos discursos da saúde e da ciência como o discurso da verdade. Afinal, o apresentador das matérias é um médico conhecido, escritor de vários livros e de credibilidade junto ao público, que apresenta não só casos verídicos, mas também entrevista especialistas dos assuntos tratados em cada semana. Mostrarei detalhadamente aqui apenas dois dos cerca de 20 programas (cujos alguns títulos sugestivos são, entre outros, “Você sabe controlar o apetite?”, “Como controlar a pressão”, “Descontrole alimentar dos comedores compulsivos”, “O mal da obesidade infantil”), pois são os que possuem, ao meu ver, os discursos mais significativos ou mais diretos em relação ao tema.

O programa de 20 de março de 2005 tinha como título “Obesidade na adolescência” e exibia o caso de Fernanda, uma estudante de 15 anos que sofria com a obesidade. É interessante observar nesse exemplo o discurso de Fernanda e o discurso do médico (Dráuzio), para percebermos o quão disseminados estão os valores da saúde e do risco como cuidado de si. Também nesse programa são mostradas várias estatísticas sobre a quantidade de adolescentes obesos e a relação da obesidade nessa fase da vida com a depressão.

Fernanda começa a reportagem dizendo que os únicos amigos que possui são o papel, a caneta, o palco (pois faz curso de teatro) e Luis, a única pessoa que não se importa com sua aparência e não a recrimina por ser gorda. Ela afirma que não consegue usar roupas da moda, só de “senhoras”; que é difícil encontrar lugar para se sentar em ônibus ou cinemas; que não consegue “ficar” com ninguém porque os meninos são até agressivos com ela (nesse momento são mostrados vários depoimentos de meninos dizendo que nunca ficariam com uma menina acima do peso); e, sobre esse sofrimento, ela diz que já está “até se conformando por ser gorda”, mas que não quer se conformar, quer mudar. Diante de tudo isso, ela insiste para si mesma diversas vezes que é normal. Deprimida, começa a tomar um anti-depressivo receitado pelo psiquiatra e diz que espera que o medicamento aumente sua auto-estima. O dr. Dráuzio orienta que não basta tomar remédio, tem que comer menos e fazer exercícios. A solução para o preconceito e a rejeição seria emagrecer. A mãe de Fernanda entra falando que nunca ensinou a filha a comer, sempre dando o que ela queria. O programa mostra a menina depois de algum tempo, tendo emagrecido alguns quilos depois de dieta (que ela admite não seguir direito) e exercícios. Mesmo sendo quase imperceptível a mudança na aparência de Fernanda – apenas seu amigo Luis teria notado – ela diz se sentir bem melhor ao se olhar no espelho. Ao final, o médico-apresentador diz: “Mas a obesidade é um inimigo persistente. É preciso lutar contra ela durante a vida toda. O descaso com o corpo pode trazer conseqüências graves para o organismo”.

O último programa da série, exibido em 29 de maio de 2005, tinha como título “Não às dietas milagrosas”. Seu objetivo era mostrar que se podia emagrecer com saúde, ou seja, ingerindo menos calorias e aumentando a atividade física, não só em academias, mas principalmente mudando hábitos do dia-a-dia. Para demonstrar a eficácia de tal discurso, o dr. Dráuzio afirmava: “O mesmo mundo que vive a epidemia

da obesidade é o que mais consome produtos *light e diet*". O caso mostrado era o de um homem que tinha sofrido um infarto em casa e que agora fazia dietas e exercícios. Ao ser entrevistado, ele diz: "Ou você faz exercício e segura a boca ou você morre. Então eu tenho que escolher o que quero: quero viver?" O programa é finalizado com a seguinte reflexão de Dráuzio: "Apesar de vivermos uma epidemia mundial de obesidade, os seres humanos um dia farão exercícios regularmente e irão comer com moderação. Faremos isso porque somos primatas racionais. Graças à razão, nossa espécie sobrevive há milhões de anos na face da Terra", seguida da imagem de Fernanda, a adolescente mostrada no outro programa, dizendo que quer muito mudar, pois, quando emagrecer, ela será "uma nova Fernanda, uma Fernanda totalmente diferente".

Não é difícil perceber nos exemplos citados qual a posição do discurso jornalístico em relação ao corpo e à beleza. Tanto nos resultados da pesquisa com diferentes programas de telejornalismo, quanto na descrição dos episódios da série "Questão de Peso", observamos que a questão da saúde como cuidado de si aparece para justificar a busca por ser belo e aceito pelo outro. Principalmente na série, o que se quer passar é que a solução para o preconceito e a rejeição não é uma mudança de mentalidade ou comportamento da sociedade, mas sim a transformação do indivíduo, que no caso, deve emagrecer. Quando Fernanda, por exemplo, reclama por não encontrar roupas que ela desejaria ter, ou não conseguir lugar para se sentar em todos os lugares, nem se cogita a possibilidade de questionar o papel da sociedade, das indústrias ou do poder público em relação a isso (ainda que, raramente, até apareça na mídia algum grupo específico reivindicando mudanças nesses aspectos). Diz-se apenas dos problemas que ela sofre, demonstrando o quão infeliz ela é, para afirmar que não só a menina, mas todos os que estão em situação parecida são também infelizes e devem buscar a "cura" para isso.

Um outro aspecto interessante no caso de Fernanda é a sua recusa em se conformar em ser gordinha. Para ela, aceitar tal condição seria assumir sua diferença, admitir que não é como as outras pessoas. No entanto, quer mudar, quer ser diferente porque sabe que é "normal" (ou pelo menos busca saber ao repetir isso insistentemente para ela mesma). Recusar o que a sociedade contemporânea propõe, ou seja, emagrecer,

seria chocante para os que vivem nela: seria se “entregar” aos riscos. Opinião até certo ponto aceitável, se a menina estivesse realmente correndo risco de vida e não apenas acima do peso. Sobre isso, diz Paulo Vaz:

A consciência deve assegurar a boa gestão dos riscos e do potencial de sedução. Eis porque os comportamentos compulsivos ganham destaque na mídia e nos profissionais de saúde mental: perturbam a boa gestão do corpo, são uma forma de sublevação do corpo que o arruina. (VAZ, 2002)

Dividida, então, entre a tentativa de ser feliz mesmo fora dos padrões e a pressão dos amigos, da família e da mídia, Fernanda entra em depressão. Para solucionar esse problema, é proposto o uso de um medicamento, além de exercícios físicos. Outra observação importante é acerca do discurso da mãe de Fernanda, que afirma nunca ter ensinado a filha comer e dado sempre tudo o que ela queria. Novamente a responsabilidade de ser insensível aos riscos é deslocada para o indivíduo. A “culpa” pela garota ter sempre comido alimentos “não-saudáveis” não é da cultura do *marketing* ou da indústria, que a cada dia lança produtos direcionados às crianças e incita-as ao consumo, mas dos pais, através de uma educação permissiva (em outros casos, a culpa poderia ser de uma educação autoritária).

No último episódio da série, vemos um exemplo concreto do que acontece com quem se esquece dos riscos. É a própria “vítima” quem diz que escolheu viver, por isso está seguindo perfeitamente o que o discurso apresentado indica. Com isso, cria-se um certo temor no telespectador (também despertado a todo o momento por palavras como “morte”, “epidemia de obesidade”, etc.), permitindo que todos se tornem vítimas em potencial, o que também é próprio da sociedade do risco. Analisando o discurso do médico neste programa, percebemos a apelação ao sentimento do público, demonstrando esperança no futuro (o que remonta, de certa forma, à idéia de paraíso, não mais alcançada por mérito da fé, mas da racionalidade, da consciência de se cuidar), idealizado como sendo um local onde “todos farão exercícios regularmente e comerão com moderação”. Afinal de contas, é impossível que nós, seres inteligentes, possamos querer nossa própria destruição.

Ao final de tudo, aparece novamente Fernanda, dizendo agora que decidiu querer mudar, pois pretende ser “uma nova Fernanda”. O discurso dela é um exemplo

bem claro de que, hoje, a subjetividade se exterioriza e de que as transformações praticadas no corpo afetam a construção de identidades. Em todos nós, que vivemos no mundo ocidental contemporâneo, ocorre a crença de que se comprarmos uma roupa nova, pintarmos o cabelo ou fizermos uma lipoaspiração, por exemplo, ficaremos mais satisfeitos com nós próprios e seremos mais confiantes ao nos relacionarmos com o outro. No entanto, mesmo nos realizando logo após uma modificação corporal, a lógica do consumo nos diz que haverá sempre uma roupa nova, mais interessante e de acordo com a moda, uma nova cor de tinta de cabelo, e novas técnicas para se alcançar a beleza que nunca será a suficiente.

CONCLUSÃO

Através da história das concepções de beleza e de corpo apresentada, percebemos o quanto a cultura e tudo o que a determina (modos de produção e economia; técnicas científicas e de comunicação; hábitos; tradições; etc.) influenciam não só na construção de representações sociais (que no caso deste trabalho, eram os ideais de beleza), mas também na formação de subjetividades e, por conseguinte, das formas de relacionamento intersubjetivas. Ao analisar o caso específico do telejornalismo na sociedade contemporânea, observa-se o discurso que hoje rege essas representações e que contribuem para a emergência de novos sujeitos, mais preocupados com a estética, o cuidado de si e da aparência.

Após o término das pesquisas e da leitura do trabalho pronto, percebi que o título não seria tão adequado, visto que a abordagem apresentada não foi exatamente sobre a relação entre o discurso jornalístico e a beleza feminina, mas muito mais ampla. O tema poderia também gerar dúvidas, já que tento relacionar aquele discurso ao “ideal contemporâneo de beleza feminina”, o que poderia sugerir para alguns a existência de um certo padrão ou modelo que, atualmente, seria seguido por todas as mulheres. Em relação a isso, no entanto, explico que considero “ideal de beleza” não como algo específico, mas simplesmente como a idealização da estética e do belo, qualquer que seja ele. Ao dizer que busco relacionar este ideal de beleza ao discurso telejornalístico, entendo apenas que há realmente uma característica comum (o cuidado com a saúde) legitimada por aquele discurso, que pode ser vista sob diferentes formas. Por exemplo, hoje a mulher não precisa ter quadril ou busto tamanho tal, cabelos de certa cor ou pernas torneadas. O importante é ser magra, sem estrias ou celulite, não ter acne, manchas na pele ou músculos flácidos. O problema não é mais se a pessoa possui um nariz de tal tipo, ou se seu cabelo é liso ou enrolado, mas se ela cuida da sua aparência e, portanto, da sua saúde. É inadmissível, no mundo contemporâneo, ser “desleixado” em relação ao próprio corpo, ou ainda mostrar descuido com a “boa forma”.

È interessante também deixar claro que eu não pretendia propor, com este trabalho, mostrar se o que temos hoje como concepção de corpo é certo ou errado, nem fazer julgamento de valores de nenhuma das épocas apresentadas. Apenas queria exemplificar as novas formas de controle e demonstrar como se formam as

subjetividades atualmente (ou, pelo menos, os fatores que influenciam na formação delas). Certamente há vantagens e desvantagens em relação a essa nova forma de ver o indivíduo e a sociedade. Embora seja por demais complexo tentar explica-las aqui, podemos, à luz de alguns autores estudados, perceber que o cuidado de si traz, além da destradicionalização e da rejeição a certos valores há até bem pouco tempo vistos como verdadeiros, novos conhecimentos sobre nosso próprio corpo e novas maneiras de interação com o outro.

Bauman diz que, na contemporaneidade, ou sociedade de consumo, o jogo do consumidor é “não tanto a avidez de adquirir, de possuir, não o acúmulo de riqueza no seu sentido material, palpável, mas a excitação de uma sensação nova, ainda não experimentada” (BAUMAN, 1999, p.91), a partir do qual os consumidores são acima de tudo acumuladores de sensações. Daí pode-se dizer que, a impossibilidade de acumular todas as experiências desejadas gera uma busca incessante, um desejo que não pode ser satisfeito, e que, com um leque de sensações tão grande disponível, haveria o risco (preocupante para a sociedade) do indivíduo se descontrolar, tentando obter prazer compulsivamente. Para Jurandir Freire Costa, esse seria um aspecto negativo da moral das sensações, já que prejudicaria não só o sujeito, mas aquele que lhe estivesse próximo.

Entretanto, na medida em que os cuidados com o corpo aparecessem como preocupação ética consigo (entendendo, segundo ele, ética como a capacidade de optar por meios de viver melhor, dando ao outro o mesmo direito), poderiam surgir aspectos positivos dessa nova visão de mundo, através da resistência a essas formas de poder e das inovações em relação aos novos modos de subjetivação (COSTA, 2004). Para ele, como meios de resistência à busca desenfreada pelas sensações, temos os saberes científicos, filosóficos ou espirituais, pois a determinação por eles de aspectos como a serenidade, o equilíbrio e o conforto físico-mental seria uma maneira de resistir ao “dever” de gozar sensorialmente imposto pela mídia. No que diz respeito às inovações vantajosas de subjetividade, ele diz que o sujeito contemporâneo, tendo trazido o corpo físico para o primeiro plano da vida cultural, descobriu outros horizontes de realização pessoal, como por exemplo a aceitação da medicina por corpos antes vistos como deficitários ou incapazes, assim como a valorização de indivíduos que, após sofrerem algum tipo de lesão funcional, descobrem sensações e percepções impossíveis de serem

experimentadas nas antigas condições de “normalidade”: “Em vez de doença ou deficiência, novas formas de viver” (COSTA, 2004, p.238).

“A cultura somática, em conclusão, é um fenômeno multifacetado, que pode ter vários sentidos. Podemos torna-lo um meio eficiente para alcançar uma vida mais justa e feliz ou para nos deixar subjugar pela moral do espetáculo. (...) As novas experiências corporais fazem parte de nossa identidade, e compete a cada um fazer delas uma ponte para a autonomia ou uma reserva a mais de sofrimento e destruição”. (COSTA, 2004, p.240)

Assim, propus apenas uma análise crítica do que hoje é considerado belo pelos meios de comunicação de massa e pela sociedade. E o que vimos foi que, difundindo o discurso de que é preciso ter prazer para ser feliz, mas para se ter prazer por mais tempo é preciso se sacrificar, a mídia propõe que a beleza (o atrativo principal na obtenção do prazer, hoje exteriorizado e momentâneo) siga essa tendência do “sacrifício” e do autocontrole, o que passa necessariamente pela preocupação com um corpo saudável, que vai trazer longevidade e, portanto, mais tempo para ser belo e feliz.

Certamente muitas questões deixaram de ser aprofundadas como deveriam, e muitas outras poderiam ser ainda levantadas. Entretanto, considero uma exposição suficiente, embora pudesse ser muito mais completa, do assunto sugerido. Por isso pretendo, em minha futura pesquisa de mestrado, trabalhar outros aspectos sobre as novas concepções de corpo, a partir dessas reflexões. Indo mais a fundo no problema, tentarei entender de que modo as tecnologias de comunicação atuam efetivamente na construção dessas novas subjetividades, indicando de que maneira estas mesmas contribuem para a perpetuação dos sistemas de controle, e de que forma podem causar seus fracassos, através do que por enquanto considero mecanismos de “falha”: as subjetividades que não se enquadram, ou não se adaptam, ao mundo do risco. Serão novos questionamentos que, seguramente, não deixarão de trazer muitos outros.

REFERÊNCIAS

- ANGELI, Daniela. Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. In: *Estudos Feministas*. Volume 12, número 2 (maio/agosto de 2004), p. 237-253. Florianópolis: UFSC, 2004.
- BARBERO, Jesús-Martin. *Dos meios às mediações*. (1997) 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BELO. In: *Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988. Pág. 90.
- BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. In: *Revista Famecos: mídia, cultura, tecnologia*. Número 24. Porto Alegre: PUC-RS, 2004.
- CAMINHA, Pero Vaz. *Carta ao Rei de Portugal*. Brasil, 1500. Disponível em <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/carta.html> Acesso em 09/10/2005.
- COSTA, Jurandir Freire. *O vestígio e a aura: corpo e consumo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DOMINGUES, Petrônio José. Negros de almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. In: *Estudos Afro-asiáticos*. Volume 24, número 3. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2002.
- ECO, Umberto. *História da Beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. (1983) 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *A ordem do discurso*. (1971) 11.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. (1992) 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOFF, Tânia. O corpo imaginado na publicidade. In: *Cadernos de Pesquisa – ESPM / Escola Superior de Propaganda e Marketing*. Vol. 1, número 1 (maio/junho de 2005). São Paulo: ESPM, 2005.
- NEGRIN, Llewellyn. Cosmetic Surgery and the Eclipse of Identity. In: *Body e Society*. Volume 8, número 4, p. 21 a 42. London, Thousand Oaks and New Delhi: SAGE Publications, 2002.

OGDEN, Jane. *The psychology of eating – from healthy to disordered behavior*. NY: Blackwell Publishing, 2003.

PEREIRA, Ney. *Musculação – Ponto de Vista – Estética e Genética*. Artigo publicado em 17/03/2004 no site www.saudeemmovimento.com.br. Acesso em 07/11/2005.

PUGET, Janine. *Novos Sintomas ou Novas Patologias. Que entendemos por nuevo?* In: Boletim Científico do Simpósio Anual da SBPRJ – Novas Subjetividades, Novos Sintomas, Novas Patologias. 27 de novembro de 2004. Arte SESC, Rio de Janeiro.

SUGIMOTO, Luiz. *A história do corpo humano é a história da civilização*. Matéria publicada no Jornal da Unicamp em 11/07/2005. Disponível em www.saudeemmovimento.com.br. Acesso em 07/11/2005.

VAZ, Paulo. Um corpo com futuro. In: Pacheco, A.; Cocco, G. e Vaz, P. (Orgs.) *O trabalho da multidão*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

_____. *Corpo e Risco*. (2002) Disponível em <http://www.pos.eco.ufrj.br/paginas/artigos/pvaz5.pdf>

_____. *O corpo-propriedade*. (2002) Disponível em <http://www.pos.eco.ufrj.br/paginas/artigos/pvaz4.pdf>

VIGARELLO, Georges. *Histoire de la beauté: le corps et l'art d'embellir de la Renaissance à nos jours*. Paris: Seuil, 2004.

VILLAÇA, Nízia. *A produção do corpo na mídia: texto e imagem*. Projeto de pesquisa publicado na revista Koine 2005.1, do Programa de Pós-Graduação da ECO-UFRJ no ano de 2005. Disponível em

<http://www.pos.eco.ufrj.br/revista/modules/wfsection/article.php?articleid=65>.

Acesso em 05/11/2005.

SITE:

Globo Media Center (Globo.com)

<http://gmc.globo.com/GMC/0,20986,2465,00.html>